

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

JANAÍNA CUNHA BARBOSA DALLO

A ALIMENTAÇÃO SEGUNDO A LEITURA DAS CRIANÇAS

SÃO LEOPOLDO

2019

D147a Dallo, Janaína Cunha Barbosa.
A alimentação segundo a leitura das crianças / por
Janaína Cunha Barbosa Dallo. – 2019.
71 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale
do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em
Educação, São Leopoldo, RS, 2019.
“Orientador: Dr. Danilo R. Streck”.

1. Leitura de mundo. 2. Alimentação.
3. Crianças. 4. Educação alimentar e nutricional.
I. Título.

CDU: 371.72:613.2

JANAÍNA CUNHA BARBOSA DALLO

A ALIMENTAÇÃO SEGUNDO A LEITURA DAS CRIANÇAS

Linha de Pesquisa III: Educação, Desenvolvimento e Tecnologias

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Danilo R. Streck

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sandro de Castro Pitano

Universidade Federal de Pelotas- UFPel

Universidade de Caxias do Sul- PPGEDU/UCS

Profa. Dra. Isabel Aparecida Bilhão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – PPGEDU/UNISINOS

Prof. Dr. Danilo R. Streck (orientador)

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – PPGEDU/UNISINOS

SÃO LEOPOLDO

2019

À minha família e aos que acreditam na leitura como caminho para novas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Considero os agradecimentos um ponto muito especial nesse trabalho, mesmo sendo um percurso de estudo no mestrado de 2 anos, essa conquista permeia muitos outros anos, que tem como base fundamental em Deus a quem desde sempre cuidou de mim, me formou e permitiu ter Vida. Assim, não consigo desvincular a base também de uma mãe espiritual cuidadosa e mansa como Nossa Senhora a quem também muitas vezes pedi mansidão para conseguir continuar.

Agradeço a permissão de ter uma família muito caridosa, compreensiva. Meu esposo Diocley Moisés que desde que me conheceu passou a compartilhar de meus sonhos e dedicação pelo estudo de muitas lutas e a quem tenho muito amor. Minhas joias preciosas e amadas minhas filhas Maria Beatriz e Maria Bianca que trouxeram uma percepção maior de como a criança precisa ser ouvida.

Aos meus queridos pais, às minhas mães Maria das Neves e Maria Ivelta, meu pai João Silva Cunha pelos ensinamentos e esforços em me construir como sou. Minha amada vó Constância por quem tenho muita admiração e mesmo longe é um impulso para que eu alcance a novos caminhos, meus avôs Marcolino Pereira, Laurentino Pereira, Camila Cunha (in memoria). Minhas queridas tias Regina Célia e Célia Regina a quem tenho muita gratidão.

Minha amada irmã e amiga Raquel Samara pelas orações e tantas ajudas que tem me trazido, pelos conselhos e amor demonstrado por mim. Agradeço também a meu Cunhado Leonardo Moraes que com coração muito bondoso não mediu esforços para nos ajudar. Meu irmão Marcos Vinicius a quem tenho muito amor.

De maneira especial as pessoas que me deram tanto suporte, Diana Rosália amiga, Maria Elizabeth, Eliara Dallo, Elicleia e Brendda que contribuíram para essa conquista.

Grande gratidão ao meu orientador Danilo Streck, pela pessoa tão simples, de uma generosidade ímpar, e que me oportunizou muitas outras leituras. À minha querida banca, professora Isabel Bilhão, que me acompanhou em todo o processo de mestrado e me serviu de muita inspiração, a quem tenho um grande apreço. Ao professor Sandro Pitano por suas contribuições e dedicação em compartilhar tanto conhecimento no processo de desenvolvimento desse estudo.

Às crianças que como muita vontade participaram da pesquisa e me fizeram trazer tantas reflexões e mudaram minha percepção do que é fazer pesquisa com

crianças. Estendo meu agradecimento às merendeiras e à professora das crianças que gentilmente me cedeu sua turminha para fazer a pesquisa.

A todos os professores do mestrado que, pelos ensinamentos e acolhimento dado, foi uma grande e significativa aprendizagem que trouxe muitas vivências.

“A leitura me leva ao movimento de conhecer, silenciar e imaginar. Cria esperança, laços de amizade, tranquiliza, oportuniza adentrar caminhos ainda não percorridos e faz percorrer caminhos nunca imaginados por mim”.

RESUMO

A presente dissertação analisa a leitura de mundo proposta por Paulo Freire, relacionada à leitura que as crianças fazem sobre a alimentação. Apresenta discussões sobre alimentação, uma vez que a criança lê o mundo ao seu redor e tem considerações a fazer acerca de suas escolhas alimentares, motivadas muitas vezes pelas possibilidades do contexto em que vivem. Para tanto, o estudo tem como objetivo geral analisar como as crianças de 7 e 8 anos “leem” o mundo no que diz respeito a suas escolhas alimentares, direcionada pelo problema: Que leitura de mundo da alimentação crianças de 7 e 8 anos de idade na escola pública Paulo Freire no município de Imperatriz-MA fazem a respeito da alimentação? O desenvolvimento do caminho investigativo se deu a partir da inspiração na pesquisa participante, com análise da produção de dados pela análise conteúdo baseada em Bardin (2012), com procedimento metodológico com rodas de conversa. A pesquisa foi realizada com 8 crianças de 7 e 8 anos da Escola Municipal Paulo Freire na cidade de Imperatriz-MA, do 2º ano do ensino fundamental das séries iniciais. Foi realizada também 1 roda de conversa com 3 merendeiras. Foram traçados como objetivos específicos: Compreender como se dão as escolhas alimentares de crianças de 7 e 8 anos da escola municipal Paulo Freire do Imperatriz- MA; Discutir sobre leitura e leitura de mundo da alimentação que fazem as crianças de 7 e 8 anos da escola Municipal Paulo Freire de Imperatriz- MA no que se refere-se à alimentação; Contribuir para uma educação alimentar adequada do ponto de vista nutricional. Na análise de dados foi possível perceber que as escolhas das crianças são fortemente motivadas pelas possibilidades que lhes são ofertadas pelo contexto em que estão inseridas. As leituras delas estão envolvidas em práticas cotidianas em casa, na escola, com os familiares de maneira geral. E há também a leitura apenas no “olhar”, aquilo que elas ainda não alcançam, opções que não foram oportunizadas.

Palavras-Chave: Leitura de mundo. Alimentação. Crianças.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the world reading proposed by Paulo Freire, related to the reading that the children do about the feeding. It presents discussion about feeding, since the child reads the world around her and she has considerations to do about her food choices, motivated many times by the possibilities of the context where they live. For this, the general objective of this study is to analyze how the children aged 7 and 8 years “read” the world regarding their food choices, directed by the problem: Which world reading of feeding the children aged 7 and 8 years do about the feeding at the Paulo Freire Public School in the municipality of Imperatriz-MA? The development of the investigative path was given from the inspiration in the participate research, with analysis of the data production by the content analysis on Bardin (2012), with methodological procedures with a set of conversations. The research was carried out with 8 children aged 7 and 8 years from Paulo Freire Municipal School in the city of Imperatriz- MA, from 2nd grade of the elementary school of the initial series. A set of conversations was held also with 3 school meal servers. The following specific objectives were drawn: To understand the food choices of children aged 7 and 8 years from Paulo Freire Municipal school from Imperatriz- MA; To discuss about reading and world reading of the feeding that make the children aged 7 and 8 years from Paulo Freire Municipal school from Imperatriz-MA regarding the feeding; To contribute to the adequate feeding education from the nutritional point of view. In the analysis of data was possible to realize that the choices of the children are strongly motivated by the possibilities that are offered for them by the context where they are inserted. Their readings are involved in daily practices in home, in school, with the family in a general way. And there is also the reading only “at the look”, something which they even do not reach, options that were not offered

Keywords: World reading. Feeding. Children.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Descrição das dissertações encontradas na IBICT.....	09
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Visão metodológica entre objetivos e ferramentas **Erro! Indicador não definido.**

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAE	Conselho de Alimentação Escolar
CFN	Conselho Federal de Nutrição
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
EAN	Educação Alimentar e Nutricional
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial de Saúde
PAT	Programa de Alimentação do Trabalhador
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS	17
2.1 Leitura e leitura de mundo.....	17
2.2 O olhar em outras leituras: dissertações.....	20
2.3 Pesquisa com crianças.....	26
2.3 Aspectos metodológicos.....	29
3 A ALIMENTAÇÃO INFANTIL E A ESCOLA	35
3.1 Educação Alimentar e nutricional.....	38
3.2 O atravessamento do consumo e sua influência nas escolhas das crianças.....	41
4 A CRIANÇA E SUA LEITURA DO MUNDO DA ALIMENTAÇÃO	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE A- ROTEIRO PARA AS RODAS DE CONVERSA COM AS CRIANÇAS PARTICIPANTES.....	68
APÊNDICE B- ROTEIRO PARA AS RODAS DE CONVERSA COM AS MERENDEIRAS	69
ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS.....	70

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado tem como tema: A leitura de mundo sobre a alimentação no contexto infantil de crianças de 7 e 8 anos da Escola Municipal Paulo Freire localizada no município de ¹Imperatriz-MA. Foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), junto à linha de pesquisa “Linha de Pesquisa III: Educação, Desenvolvimento e Tecnologias”. A escolha dessa temática foi motivada por minha vivência com crianças na docência e também no convívio com elas em avaliações nutricionais. Pensei então em aliar essas duas áreas para pensar em leitura e alimentação. Não tenho a pretensão em responder todos os questionamentos que englobam essa área, mas tentarei compreender o que pensam as crianças sobre suas possibilidades alimentares.

O meu percurso acadêmico esteve ligado e arraigado à leitura. Lembro de meus primeiros livros de contos, histórias em quadrinhos; mesmo com algumas limitações familiares, meus pais me oportunizaram um belo contato com o mundo da leitura. Isso me permitiu ter gosto pelo estudo e me sentir insaciável quanto ao mesmo. Estudei em escolas públicas com grande precariedade em muitos sentidos, mas que não foram obstáculos para seguir em busca de uma formação de acadêmica.

Ao concluir a Educação básica fiz vestibular na Universidade Estadual do Maranhão para Letras, concluí o curso no ano de 2012, onde tive a possibilidade de aprender muitas teorias, mas também foi fluindo a sensibilidade à prática docente. Meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a leitura e interdisciplinaridade em que vi outros campos em que poderia ser trabalhada a leitura e desenvolvê-la de maneira satisfatória na aprendizagem dos conteúdos. Vi na leitura um caminho para que eu avançasse.

Nesse percurso tive outra oportunidade de conseguir uma bolsa de estudos no curso de Nutrição, com conclusão no ano de 2014, um curso que sempre me chamou a atenção por desenvolver estudos sobre alimentos, tão

¹ Localizada às margens do Rio Tocantins e distante 629,5 km da capital, São Luís, a segunda maior cidade do Estado do Maranhão tem 166 anos, com aproximadamente 260 mil habitantes. (Fonte: Prefeitura de Imperatriz-MA).

salutar para a vida humana. Ao concluir ambos os cursos tive a certeza de que a docência era meu lugar. Minha trajetória como nutricionista é recente. Optei por trabalhar também como docente. Como referido, minha caminhada como docente é inicial; em Letras tenho um pouco mais de 8 anos de docência, em Nutrição aproximadamente 2 anos. Tenho desejo de continuar trabalhando como docente e por isso vi no mestrado a oportunidade de me aprofundar nos estudos e dar um pouco mais de mim a essa profissão que acho extraordinária e única, com todo o respeito às demais, mas consigo dialogar em muitos aspectos e crescer nela a cada diálogo que estabeleço. Em Letras aprendi a discutir leitura e na Nutrição alimentação, em Educação pretendo discutir leitura de mundo das crianças sobre a alimentação. Pretendo fazer isso embasando-me na noção de leitura de mundo de Paulo Freire (2008).

Atualmente muito se discute sobre a alimentação e diversas informações são disponibilizadas sobre tal; porém muitas de qualquer maneira. Penso que as crianças têm um pensamento sobre isso, e ainda estão envolvidas na escolha por sua alimentação, não excluindo os pais nesse processo.

Isso porque há um direcionamento peculiar a ela em como se alimentar, fato que discutirei nessa pesquisa. Nesse sentido, vejo a relevância de pensar em como a criança lê o universo da alimentação, visto que ela não está neutra e tem participação nessas escolhas, e compreender sua maneira de entender esse “mundo alimentar”. Sendo o campo da alimentação de suma importância para vivência humana e diante de um cenário atual em que se eleva a necessidade de uma boa alimentação, acredita-se ser relevante pesquisar o que as crianças pensam sobre a alimentação, o que influencia em suas escolhas, e qual leitura fazem sobre a alimentação, por exemplo.

Órgãos mundiais, como ²Organização das Nações Unidas para e Agricultura e Alimentação (FAO) Organização Mundial da Saúde (OMS) alertam para o grande crescimento para o estado de obesidade e sobrepeso em crianças, desenvolvendo com isso patologias como diabetes e hipercolesterolemias³. Em conformidade com o que dizem órgãos mundiais,

² Pesquisa realizada em 2017 em mostra que Mais da metade da população brasileira está com sobrepeso e a obesidade já atinge a 20% das pessoas adultas.

³ Elevação patológica da taxa de colesterol no sangue (células e plasma). Dicionário da saúde.

dados do IBGE em 2011 mostram que a evolução do estado nutricional da população é indicativa de importante aumento do excesso de peso, com tendências especialmente preocupantes entre crianças na idade escolar e adolescentes.

Como observo na revisão de literatura, ainda temos poucas pesquisas em que as crianças são protagonistas, ou seja, têm participação efetiva nas pesquisas, visto que elas não são neutras. Este estudo buscará contribuir com as reflexões acadêmicas, podendo servir como instrumento para compreender e talvez para atuar em relação a algumas condutas com as crianças no que diz respeito à alimentação.

A partir da reflexão da leitura (leitura de mundo) em Paulo Freire, penso em apresentar discussões sobre alimentação, uma vez que a criança lê o mundo ao seu redor e tem considerações a fazer acerca de suas escolhas alimentares, motivadas muitas vezes pelas possibilidades do contexto em que vivem. Como ela lê o mundo da alimentação? O que pensa sobre as questões alimentares? Quais as possibilidades que lhe permitem ou as levam a escolher alimento X e não Y? Que experiências de consumo elas têm? Essas reflexões me movem a pensar a leitura que as crianças fazem sobre a alimentação.

Nesse contexto tenho como problema de pesquisa: Que leitura de mundo da alimentação de crianças de 7 e 8 anos de idade na escola pública Paulo Freire no município de Imperatriz-MA fazem a respeito da alimentação?

Para isso me proponho, como objetivo geral, analisar como as crianças de 7 e 8 anos “leem” o mundo no que diz respeito a suas escolhas alimentares. Tenho como objetivos específicos: Compreender como se dão as escolhas alimentares de crianças de 7 e 8 anos da Escola Municipal Paulo Freire do Imperatriz- MA; Discutir sobre leitura e leitura de mundo da alimentação que fazem as crianças de 7 e 8 anos da escola Municipal Paulo Freire de Imperatriz-MA no que se refere-se à alimentação; Contribuir para uma educação alimentar adequada do ponto de vista nutricional com incentivo à escuta da criança sobre sua percepção alimentar e preferências.

Ressalto que essa análise se volta para o contexto amplo da vivência das crianças, não considerando apenas a escola, deixando-as livres para reflexões, considerações e percepções. Penso que a escola é ponto de encontros de leituras e reflexões. A pesquisa foi realizada com 8 crianças com idade de 7 e 8

anos, do 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental. A escolha das crianças para a participação das rodas de conversa da pesquisa foi feita pela professora da sala em que indicou os alunos que segundo ela tinham um comportamento mais tranquilo e poderia ter uma boa participação.

Para melhor compreensão o presente estudo segue estruturado da seguinte forma: no capítulo seguinte (dois) destaco aspectos sobre os conceitos de leitura e leitura de mundo, pois penso que entender a relação que ambas têm nos faz refletir também como ela (leitura) contribui no desenvolvimento intelectual e abre caminhos da percepção do contexto que estamos inseridos, para tanto cito Solé (1998) , Martins (1998), Freire (2008), Fregonezi (1993). Apresento ainda as dissertações pesquisadas na base de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (IBICT) que me permitiram ter um olhar mais aprofundado sobre a proposta da minha temática; Reflito ainda sobre a pesquisa com crianças baseada na leitura do trabalho de Jonas Hendler da Paz (2017) sobre o princípio da descolonidade; Ao final desse capítulo trago os aspectos metodológicos que serviram de embasamento para o desenvolvimento da pesquisa para isso ressalto que tal pesquisa versa sobre o princípio da pesquisa participante, citando Streck et al (2014), para análise dados baseio-me na análise de conteúdo proposta por Bardin (1997).

No capítulo três escrevo sobre a alimentação infantil e a escola, por acreditar que a escola é um ambiente propício para tal discussão, sendo também um ponto de descobertas e significativas leituras para as crianças e compartilhamento. É também o lugar de encontro de novas possibilidades de leitura. Assim considero pertinente partir desse lugar de construções e permissões para um mundo mais particular e íntimo das crianças para pensar em alimentação. Trago também como se deu o início dessa temática alimentação nas escolas a partir de um breve contexto histórico, onde também apresento a educação alimentar nutricional tão presente na contemporaneidade. Apresento ainda os atravessamentos que permeiam as leituras alimentares das crianças; para tanto trago as reflexões de Bauman (2008, 2010), com breve discussão sobre o papel da mídia na influência dessas escolhas ou desejos das crianças.

No quarto capítulo abordo a criança e sua leitura de mundo da alimentação. Aqui trago a descrição das rodas com as merendeiras e as crianças

e minhas análises durante a pesquisa, assim como também a contextualização da escola em que foi realizada a pesquisa. Por fim, no quinto capítulo, disserto sobre minhas considerações finais, reiterando sobre as análises da pesquisa, caminhos que o estudo ainda pode ser direcionado e importância que tal trabalho trouxe na minha formação acadêmica.

2 ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Acredito que a leitura tem uma grande contribuição para o desenvolvimento humano intelectual. Dessa forma escolhi pesquisar a leitura voltada para percepção que a criança tem relacionada à sua alimentação. Para isso, penso ser necessário entender a relação da leitura e leitura de mundo. Assim, a proposta desse capítulo é apresentar os conceitos de leitura e com esta abre um grande leque de oportunidades para pesquisas, visto que pensar em leitura é ir além do processo de decodificação do código linguístico; é deixar-se permitir também ler o mundo através das nossas próprias vivências. Trago ainda reflexões de autores sobre pesquisas com crianças e como elas têm um grande potencial e precisam ser ouvidas em pesquisas que as envolvam.

2.1 Leitura e leitura de mundo

Existem muitas discussões sobre leitura no campo das pesquisas acadêmicas, isso por ser a leitura tão imprescindível para o desenvolvimento intelectual do indivíduo em nossa cultura. Assim, acredito ser relevante discutir alguns conceitos de leitura para melhor compreensão.

Em seu livro *O que é leitura*, Martins (1998) escreve que a leitura está ligada ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural.

Para Solé (1998, p.22) “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam sua leitura”.

No mesmo aspecto, da leitura como um processo, os PCN's (1998, p.69), dizem:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

Nesses aspectos, pode-se perceber uma visão da leitura como um processo interativo entre leitor e texto, no qual o leitor infere informações tendo um posicionamento crítico e selecionador perante o texto.

No método analítico, a criança aprendia passo a passo, decorava o alfabeto. Consequentemente era ensinada a soletrar e decodificar as palavras de forma solta sem um contexto; essa prática influenciou durante muito tempo muitos educadores em sua prática pedagógica, que acabaram de certa forma não ensinando verdadeiramente o sentido da leitura para esses alunos e muitos deles não conseguiram desenvolver o gosto pelo ato de ler, uma vez que isso não foi cultivado neles.

Para Freire (2008, p.11): “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. A isso refere-se Freire a aspectos comuns em cada indivíduo que o acompanha já no início da vida escolar, o conhecimento de mundo que vamos adquirindo aos poucos.

Baseado em Freire (2008), Fregonezi (1993, p.191) afirma que:

Acontece que a leitura realizada apenas com base no texto-informações linguísticas- não é uma leitura no sentido estrito do termo. É um mero reconhecimento dos elementos que fazem parte do código linguístico. É a leitura chamada de decodificação.

A leitura constitui-se, portanto, de dois tipos de informações: as informações advindas do código, presentes no código linguístico, e as informações presentes no mundo do leitor. Sem acionar o segundo tipo de informações, a leitura processada é apenas uma decodificação. Para haver uma leitura compreensiva é necessário ir além da simples decodificação.

Essa leitura compreensiva, como cita o autor, só é possível quando se consegue ir além do processo de decodificação, ultrapassando as primeiras etapas da leitura, ou seja, o leitor além de deter das informações do código linguístico, necessita inferir novas informações para tornar a leitura eficaz.

Martins (1998), ao escrever sobre as questões que envolvem leitura, sintetiza em duas as concepções de leitura. Faz referência à leitura decodificada, aquela em que se lê mecanicamente os signos linguísticos, referindo-se ao condicionamento estímulo-resposta; e o outro processo considera a leitura como um processo de compreensão abrangente cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, políticos culturais, econômicos e sociológica sociológicos. Essas concepções de certa forma são mais estudadas. A segunda concepção tem um campo de estudo com maior significância, mas ambas como afirma Martins (1998, p.32) são necessárias à leitura, “Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível”.

Baseados nessas concepções compreende-se que a leitura está vinculada (ligada) ao contexto, vivências e conhecimentos de mundo do indivíduo. Podemos, baseados em Paulo Freire no livro *A importância do ato de ler*, perceber que essa leitura de mundo norteia determinadas escolhas e conceitos adquiridos por cada pessoa. O autor faz uma reflexão sobre a leitura de mundo, essa aprendida no contexto em que a criança está inserida, suas vivências, ao observar o mundo. Ela precede a leitura da palavra, esta aprendida na escola, mas que não deve ser desprendida da leitura de mundo, importante ao aprendizado da criança.

Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto - em cuja percepção rio experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (FREIRE, 2008, p. 9)

O autor traz à memória o seu primeiro mundo, de sua infância, contexto em que estava inserido. O primeiro contato e experiências de sua vida, primeiras leituras, como ele via e sentia o mundo, suas percepções.

Na obra *O menino que lia o mundo* em Brandão (2005) a retratação da leitura de mundo é reafirmada, quando contada a história de Paulo Freire, mostrando o seu desenvolvimento no campo da leitura desde a leitura de seu mundo imediato, como o mesmo se refere. Nesse contexto entram as experiências que o menino fazia no quintal de casa, como por exemplo, com as árvores frutíferas que marcaram sua infância pelo sabor, cores, não sendo substituídas pelas propagandas de outros alimentos.

Essa reflexão feita por Ana Maria Freire (2005, p.6), citada na obra *O Menino que lia o mundo*, mostra que os ensinamentos no lar, se tornam lembranças importantes e marcantes para a criança. Nessa perspectiva é importante destacar que quando a criança inicia sua caminhada na escola não está neutra, e possui saberes próprios, a leitura de mundo dela. “Quando uma criança chega na escola ela já sabia muita coisa, tem aprendido muito e muito. Aprendeu com um mundo. Aprendeu de olhar, tocar e ver o mundo onde ela vive”. (BRANDÃO; FREIRE, 2005, p. 7).

Essas considerações nos fazem pensar que a leitura e a leitura de mundo estão estritamente ligadas e as duas são salutares para o desenvolvimento intelectual da criança, e fazem refletir também como a leitura de mundo conduz de maneira significativa as escolhas, percepções individuais, e pode influenciar nas escolhas alimentares.

2.2 O olhar em outras leituras: dissertações

Neste capítulo descrevo o levantamento que realizei em dissertações com a finalidade de aprofundar a temática de meu estudo. Na perspectiva da problemática trabalhada, fiz levantamento na base de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (IBICT). Escolhi essa base por contemplar mesmo em pequeno número alguns trabalhos com perspectivas semelhantes ao meu estudo. Na pesquisa realizada em 27 de agosto 2017 com os descritores “leitura” and “criança” and “alimentação” e recorte de 2012 a 2016 foram encontrados 372 trabalhos dos quais ao avaliar os resumos três dissertações se aproximaram da temática proposta nesta pesquisa. Como cito no quadro abaixo.

Quadro 1: Descrição das dissertações encontradas na IBICT

	Título	Autor	Ano	PPGs
1	A concepção da criança em idade escolar sobre alimentação e nutrição	Roberta Alessandra Gaino	2012	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Medicina de Botucatu
2	Influência da publicidade de alimentos sobre a escolha alimentar de crianças e adolescentes de escolas públicas do Distrito Federal	Ana Maria Spaniol	2014	Universidade de Brasília Faculdade de Ciências da Saúde
3	Práticas Parentais Alimentares e sua Relação com o Consumo de Alimentos na Infância	Giovanna Soutinho Araújo	2015	Universidade de Brasília Faculdade de Saúde

Fonte: Elaborada pela autora

Na dissertação 1 elaborada por Roberta Alessandra Gaino sobre: “A concepção da criança em idade escolar sobre alimentação e nutrição” a autora desenvolve como objetivo identificar a concepção da criança em idade escolar em relação à alimentação e nutrição com uma pesquisa qualitativa, de abordagem interpretativa, na qual foram entrevistadas dezessete crianças com idade de 9 a 11 anos de uma escola municipal de Botucatu, no interior paulista, no ano de 2011. Como procedimento metodológico foram realizadas duas

entrevistas semiestruturadas; questionário com questões abertas; observação. Com a pesquisa a autora chegou à conclusão que as crianças têm noção do caminho por que passam os alimentos nos seus sistemas digestivos e percebem a digestão nas suas diferentes etapas; percebem também a importância da alimentação e nutrição em suas vidas.

Na dissertação 2, intitulada “Influência da publicidade de alimentos sobre a escolha alimentar de crianças e adolescentes de escolas públicas do Distrito Federal” da Ana Maria Spaniol o objetivo geral consistiu em caracterizar o efeito da exposição da publicidade de alimentos sobre o componente cognitivo da atitude, sobre as preferências e sobre as intenções de consumo alimentar de estudantes do ensino fundamental da rede pública do Distrito Federal. Para tanto, a pesquisadora realizou estudo transversal por meio do preenchimento de instrumento contendo questões relacionadas aos hábitos e determinantes alimentares e à mídia televisiva. Em seguida, foi realizado um estudo quase-experimental no âmbito da Psicologia e Nutrição Social para verificar o efeito da publicidade de alimentos sobre o componente cognitivo da atitude, sobre as preferências e intenção de consumo de alimentos saudáveis e não saudáveis por crianças e adolescentes. Ambas as etapas ocorreram com crianças e adolescentes que cursavam do quarto ao nono ano do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do Distrito Federal.

A autora discorre sobre as teorias que mostram como a criança se torna uma consumidora. Citando estudos como de Mowen e Minor (2003), propõe um modelo de socialização a partir de três componentes: fatores de contexto, agentes de socialização e mecanismos de aprendizagem. Nos fatores de contexto se incluem: sexo, idade, nível socioeconômico e classe social; no grupo de agentes de socialização tem-se: mídia, familiares, colegas e professores e mecanismos de aprendizagem contemplam: modelagem, reforço e estágio de desenvolvimento.

A pesquisadora conclui no estudo 1 a influência de determinantes associados ao tempo destinado à audiência da mídia televisiva e ao computador com o consumo de alimentos não saudáveis. E no estudo 2 uma valorização dos aspectos benéficos na mídia dos alimentos não saudáveis havendo aumento da intenção de consumo entre todos os grupos estudados.

Na dissertação 3 sobre “Práticas Parentais Alimentares e sua Relação com o Consumo de Alimentos na Infância” a pesquisadora Giovanna Soutinho Araújo discorre como os pais têm influência nas práticas alimentares dos filhos. Para isso o estudo propõe determinar as práticas alimentares maternas e como elas influenciam o consumo de alimentos de crianças de 18 meses a 8 anos. A pesquisadora realizou dois estudos, sendo o primeiro com o objetivo de validar um instrumento de compreensão das práticas parentais de alimentação infantil para a população brasileira e o segundo associar as múltiplas práticas alimentares maternas e outros determinantes ao consumo de frutas e hortaliças por crianças de 18 meses a 8 anos. O método de pesquisa utilizado foi um estudo transversal do tipo *survey* realizado com mães, por meio de um instrumento autopreenchido disponibilizado online, via Internet.

Na pesquisa feita com crianças, tive a oportunidade de conhecer por meio do professor Dr. Danilo Streck, o trabalho de dissertação do Jonas Hendler da Paz, o qual insiro também neste trabalho devido à sua relevância. A sua pesquisa é intitulada “Pesquisa com crianças em teses de doutorado no Brasil: uma análise a partir da (des)colonialidade”.

O autor traçou como objetivo realizar uma leitura crítica sobre a participação infantil na produção de pesquisas com crianças em teses no Brasil, procurando contribuir com o campo da educação e no âmbito científico acadêmico para um movimento de ruptura com a colonialidade. Como específicos, construir uma sistematização sobre teses de pesquisas com crianças no Brasil encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), enfatizando temáticas e lacunas nessas produções, bem como verificar de que forma ocorre a participação das crianças nos estudos; descrever e analisar a construção epistemológica e metodológica sobre a participação infantil nas pesquisas das teses que compõem a investigação, problematizando os aportes e as lógicas que possam ser atribuídas como características dessas produções; problematizar as possíveis contribuições da academia para um movimento de ruptura com a colonialidade e as contribuições deste estudo nesse movimento, sobretudo para a pesquisa com crianças e a educação.

Teve como problema: Que leitura crítica é possível realizar sobre a participação infantil a respeito da composição epistemológica e metodológica na

produção de pesquisas com crianças em teses no Brasil, que contribua com o campo da educação e no âmbito científico acadêmico para um movimento de ruptura com a colonialidade?

Baseado nisso, o autor discute sobre os conceitos: de (des)colonialidade e adultocentrismo. Segundo ele, o primeiro objetiva a libertação dos seres, das subjetividades, da forma de ver, pensar, compreender e viver. Já o outro conceito refere-se ao adulto ter uma posição superior, desconsiderando a capacidade das crianças, sua cultura e potencialidade, considerando-as de formas marginais/inferiores.

Para isso ele se baseia em autores como Mignolo (2010) que escreve sobre a construção da (des)colonialidade em construção no planeta, dialogando com Quijano (2014) e Dussel (1993). Cita Streck, Adams e outros autores para embasar seus argumentos. Cita Müller (2006) que discorre sobre a natureza da infância.

Como procedimento metodológico a pesquisa foi desenvolvida do tipo descritiva com abordagem de caráter qualitativo com enfoque crítico, com estudo bibliográfico, método indutivo, inspirado na proposta de monografia de base.

Para isso, o autor fez levantamentos de teses na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação, com a proposta de análise de conteúdo. Teve dificuldades em encontrar trabalhos com a temática do seu estudo. Encontrou 8 teses, defendidas no período de 2003 a 2014. Desse total 50% foram desenvolvidas em programas de pós-graduação em educação: Ferreira (2014); Santos (2103); Nunes (2012); e Silveira (2005). Os outros 50% estão compostos por 25% duas teses oriundas de programas de pós-graduação na área de psicologia: Campos-Ramos (2015) e Vital (2012); e o restante, 25%, trata-se de uma tese apresentada em um programa de pós-graduação em Ciências do movimento na área da Educação física, Oliveira (2003). E a última tese é a única que não se encontra na grande área das Ciências Humanas, correspondendo à área das ciências da saúde. E tomou para análise 7, visto que uma correspondia à área da ciência da saúde e o objeto de estudo desta diferenciava-se do que ele se propunha analisar.

Na análise dos resultados o autor fez uma síntese a partir dos contextos das pesquisas, sujeitos participantes e as compreensões sobre estes na pesquisa; das participações e do processo de conhecimento. Em Campos-

Ramos (2015) o desenvolvimento das interpretações de si, do outro e do mundo pelas crianças de cinco e seis anos, que estão na transição da Educação Infantil para o primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos. Destaca em Ferreira (2014) sobre a presença da mídia na cultura lúdica das crianças contemporâneas. Em Santos (2013), foram problematizados os sentidos do aniversário com crianças que se encontram entre as noções de espetáculo e simplicidade. Em Nunes (2012), a formação de redes de produção de sentido sobre os conceitos de criança, de infância e de educação infantil com os sujeitos que integram o cotidiano escolar. Na pesquisa de Vital (2012) reflete sobre a problematização do preconceito na educação infantil. Em Guimarães (2007) destaca as percepções de crianças de cinco anos sobre o espaço público, e em Silveira (2005) as possibilidades de aproximação e produção de falas e imagens da escola de educação infantil.

Na análise de pesquisas em relação aos contextos, encontrou como principal argumento sobre a escolha dos lugares o acesso à criança e à relevância quanto à problematização da educação. Sobre os sujeitos, as pesquisas caracterizam-se por um esforço de captar e compreender o que as crianças manifestam quanto às temáticas investigadas através de diferentes estratégias metodológicas de participação.

O autor ressalta a apresentação e a discussão acerca do contexto da pesquisa dos sujeitos participantes e as compreensões sobre e destes na pesquisa. A participação e o processo de construção do conhecimento por meio da organização teórica e metodológica apontaram características importantes para a participação infantil, assim como também limites a partir dos quais podemos produzir outros saberes.

De maneira relevante o pesquisador salienta a importância das pesquisas feitas, mas destaca a importância do interesse dos participantes (crianças) no processo e diálogo com eles nas produções científicas que as envolvem.

As referidas revisões, ampliaram meu conhecimento sobre a temática pesquisada, visto que as informações contidas nelas esclarecem e enriquecem meu estudo. Outro ponto a salientar, é que por meio das leituras passei a compreender melhor, principalmente, as teorias sobre as pesquisas que envolvem crianças e com elas devem estar inseridas nas pesquisas. Considero relevante também as discussões feitas nas dissertações das áreas da saúde,

pois embasam e me permitem mostrar os pontos em que minha pesquisa difere das apresentadas, pois aqui trago a percepção (leitura) das crianças no meu trabalho. As pesquisas realizadas nos referidos trabalhos me fizeram refletir mais ainda sobre minha problemática e como pensar num melhor desenvolvimento deste estudo. Refletindo como, por exemplo, a percepção e a oportunidade que caracterizam as crianças da pesquisa no que diz respeito à alimentação, diferem das pesquisas já existentes..

2.3 Pesquisa com crianças

As crianças estão envolvidas em várias pesquisas acadêmicas. Neste tópico venho discorrer sobre como elas estão inseridas nas mesmas e sua participação.

Neste sentido, faz-se necessário diferenciar os termos “infância” e “crianças”. Ao consultar o dicionário de língua portuguesa Aurélio o termo infância refere-se ao período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento à puberdade. Kuhlmann Jr. (1998) reflete acerca do termo e nos diz que:

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13/7/90) criança é a pessoa até os 12 anos de idade incompletos e adolescente aquela entre os 12 e 18 anos. Etimologicamente, a palavra infância refere-se a limites mais estreitos: oriunda do latim significa a incapacidade de falar (KUHLMANN Jr, p. 16, 1998).

Ainda segundo Kulmann (2001) *apud* Paz (2017, p.24): “a infância é desenhada de forma distintas de acordo com fatores sociais, culturais, geográficos, históricos e econômicos”. Barbosa (2000) também nesse contexto diz que:

Falar de uma infância universal como unidade pode ser um equívoco ou um modo de encobrir uma realidade. Todavia uma certa universalização é necessária para que se possa enfrentar a questão e refletir sobre ela, sendo importante ter sempre presente que a infância não é singular, nem única. A infância é plural: infâncias. (BARBOSA. 2000, f.84)

Em consonância com os autores, entende-se que cada criança é única, possui suas peculiaridades que devem ser respeitadas, ouvidas,

compreendidas. A pesquisa com crianças possibilita essa abertura, quando se tem a criança como sujeito da pesquisa, como protagonista.

Assim, a criança não deve ser apenas instrumento da pesquisa, mas deve ser ouvida. Segundo Campos (2005): “a criança é objeto de estudo na pesquisa científica, principalmente, na condição de ser observada, medida, descrita, analisada e interpretada; mas é tendência recente o debate sobre a condição em que a criança toma parte na investigação científica”.

Sobre isso me baseio em algumas pesquisas, como a pesquisa com crianças em dissertação de mestrado de Jonas Hendler em 2017. Para ele a pesquisa com crianças rompe com a visão reducionista. Em suas discussões traz conceitos importantes como (des)colonialidade e adultocentrismo. Segundo o pesquisador, conforme já mencionado, o primeiro objetiva a libertação dos seres, das subjetividades, da forma de ver, pensar, compreender e viver. Já o outro conceito refere-se ao adulto ter uma posição superior, desconsiderando a capacidade das crianças, sua cultura e potencialidade, considerando-as de formas marginais/inferiores.

Pensar em como as crianças pensam e veem o mundo no qual estão inseridas é um importante exercício de construção de conhecimentos, visto que elas não estão neutras no próprio processo de desenvolvimento. Numa perspectiva da socialização alguns pontos devem ser considerados em pesquisas com crianças, como seu contexto, suas internalizações. Corsaro (1997, p.18) apud Delgado e Muller (2005) afirma que a perspectiva sociológica deve considerar não só as adaptações e internalizações dos processos de socialização, mas também os processos de apropriação, reinvenção e reprodução realizados pelas crianças.

Esta noção de socialização na sociologia da infância estimula a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto. Se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista. (DELGADO E MULLER, 2005, P.3)

O olhar da criança diante do mundo pode nos dizer muita coisa, suas perspectivas à sua maneira. Acredito que a criança tem muito a dizer e

expressar, e as pesquisas que a envolvem devem ter um procedimento contextualizado à ela.

A comunicação com as crianças, em qualquer processo investigativo, onde se busca conhecer o seu ponto de vista, deve centrar-se nas suas interações com o meio e com as pessoas, nas falas e diálogos presentes no decorrer da pesquisa, tendo como apoio as notações (*desenhos*), gravações de vídeo e áudio, e todo o processo da comunicação dialógica catalogado. (RHODEN, 2012, p. 84)

De acordo com a autora, desenhos para as crianças menores são de grande valia, pois como afirma Gouvea (2008, p. 113), “a produção simbólica constitui um dos registros privilegiados de expressão da criança [...] através da linguagem plástica, ela lança a mão dos signos visuais para representar sua visão do mundo”.

Dessa forma é possível perceber o que pensam sobre o mundo, por exemplo, como o leem. “Quando colocadas frente a frente, ao desenvolverem atividades comuns, é possível perceber as concepções que trazem do seu cotidiano aliadas às “redes de significação e às conexões de sentido, que são compartilhadas no grupo, para descobrir sentidos comuns no seu saber, fazer e sentir”. (GOUVEA, 2008, p.2)

No documentário “Invenção da Infância” dirigido por Liliana Sulzbach e com produção executiva de Mônica Schmiedt, com duração de 26 minutos, são mostradas as várias facetas da infância. Crianças que vivem numa situação de grande pobreza e trabalham como adultos para ajudar no sustento de casa, sem ter tempo de ser criança. Leem o mundo com o olhar de “gente grande”, e outras que pertencem às classes com melhor poder aquisitivo que não trabalham, mas que tem o seu tempo preenchido por muitas obrigações para desenvolver “melhor” atividades culturais. Porém, nas falas das crianças elas não tem tempo de fazer “coisas divertidas”, se veem como responsáveis porque fazem muita coisa e estudam.

Outro fator que chama atenção no curta é a disparidade na vivência dessas crianças e ainda o ano que foi feito, em 2000. De lá para cá muita coisa permanece do mesmo jeito, ainda se pode ver reportagens de criança levando uma vida de sobrevivência. A leitura de mundo dessas crianças sofridas é de um mundo difícil e com poucas oportunidades a elas. Para o outro grupo com

condições financeiras melhores é de uma vida responsável e com muitas atividades em busca de um futuro promissor. Enfim, a sinopse do documentário já nos traz uma reflexão: Ser criança não significa ter infância.

É um documentário cheio de informações, que nos leva a pensar nesse ser tão importante que é a criança, que possui direito à moradia, à alimentação, e a educação. A escola, acredito ser o ambiente escolar cheio de expectativa para a criança, “um lugar de aprender”. Elas que já vem com tanta informação de seus lares, costumes e vivências.

2.3 Aspectos metodológicos

O presente estudo foi inspirado na pesquisa participante, realizado com 8 alunos sendo, 4 meninas e 4 meninos do 2º ano da série inicial do ensino fundamental com idade de 7 e 8 anos. Sobre a pesquisa participante Streck *et al* (2014, p.8) dizem que:

a pesquisa-ação e a pesquisa participante se prestam para este diálogo interdisciplinar ou transdisciplinar por terem como referência o conhecimento “do fazer”, que é o lugar no qual teóricos e práticos e acadêmicos e profissionais de diferentes campos de conhecimento se colocam sobre o mesmo chão para dialogar.

Nesse sentido foi desenvolvido como procedimento metodológico a abordagem de caráter qualitativo. Para produção de dados realizei observação na sala de aula. Sobre isso Minayo (2001, p.22) reflete que: “A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.

A observação em sala de aula me permitiu ter um contato a mais com as crianças, na busca de uma proximidade com os participantes da pesquisa.

Além dessa técnica, foram realizadas para a produção de dados rodas de conversas com os alunos e 3 merendeiras.

Campo empírico

O campo empírico é a Escola Municipal Paulo Freire, localizada na Avenida Pedro Neiva de Santana, S/N, Parque das Palmeiras, na cidade de Imperatriz Maranhão, com média de população estimada pelo IBGE em 2018 de 258.016 pessoas. A cidade de Imperatriz no estado do Maranhão (figura 1) é considerada a 2ª maior cidade do estado, localizada aproximadamente a 630 Km da capital São Luís. De acordo com a secretaria de desenvolvimento do município a cidade cresce de maneira significativa na construção civil e industrial, com a implantação na cidade da fábrica de papel e celulose SUZANO em 2013.

Figura 1- Mapa da cidade de Imperatriz-MA



Fonte: www.imirante.com

Mesmo com os dados de crescimento é possível ver ao percorrer a cidade uma parte significativa da população distante desse crescimento econômico que sobrevive da pequena agricultura, ou ainda faz parte do grupo dos

desempregados. Em termos educacionais a cidade tem 167 escolas municipais, segundo dados da secretaria de educação do município.

A escolha da referida escola se deu, por eu já ter trabalhado na mesma e por lá atender crianças e jovens de vários bairros adjacentes a ela e com características peculiares.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola (2015), ela teve fundação em 1992 denominada de CIEI-II (Centro Integrado de Educação de Imperatriz-MA), entrando em funcionamento no ano de 1993, funcionando nos turnos matutino e vespertino, atendendo as modalidades da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Tinha como meta preliminar atender os 2.225 alunos matriculados em regime de Escola e creche. Considerando a impossibilidade de funcionamento da Escola nos moldes pelos quais foi construída, a mesma recebeu a nova denominação oficial de Escola Municipal Paulo Freire em 1998. É reconhecida pelo conselho Municipal de Educação sob resolução nº046/2000-CME. Atualmente atende os segmentos de Educação Infantil (I e II períodos) e Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos, funcionando 2 turnos com 815 alunos regularmente matriculados.

Possui 19 salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de mídia e de leitura, sala de recursos para AEE e 3 banheiros

Ainda segundo o Projeto Político da Escola (2015), a visão de futuro que se propõe é que a educação deve considerar a interação de todos os aspectos da pessoa humana com a sociedade na qual está inserida.

Instrumentos de produção de dados

Para o desenvolvimento da pesquisa, durante as leituras realizadas optou-se por realizar com as crianças e os demais envolvidos na pesquisa, merendeiras, rodas de conversa, com roteiro de perguntas já programados, mas aberto aos comentários dos participantes. Paulo Freire (1987) denomina esse momento de círculo de cultura que proporciona momentos de fala e escuta.

Os Círculos de Cultura são o diálogo, é a pronúncia do mundo, ou seja, é o processo de ler o mundo, problematizá-lo, compreendê-lo e transformá-lo. (FREIRE, 1987, p.43)

Nesse aspecto as rodas de conversa com crianças são pertinentes, pois permitem

[...] a construção de um campo dialógico e democrático, no qual a criança ganha vez e voz, mas que não fala sozinha, já que o adulto, parceiro e sensível às suas necessidades, está com ela em diferentes momentos. Reconhece-se a criança como sujeito de direitos e ativos na construção de conhecimentos[...]. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 33).

Sobre isso Guarda *et al* (2017) concordam que:

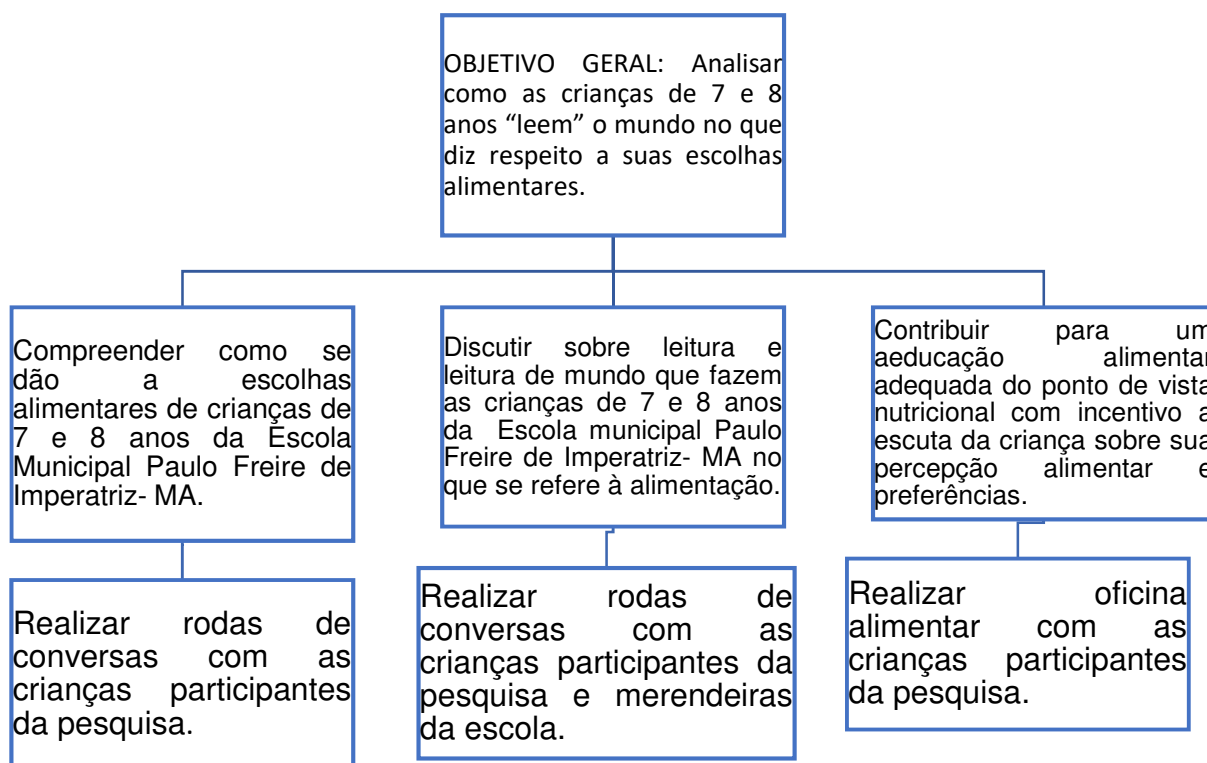
Tudo que é disponibilizado ou pensado para as crianças, parte do pensamento adulto, não permitindo que as crianças se expressem ou mudem qualquer conceito cultural, eternizando assim, a definição de infância e de mundo do adulto. (Guarda *et al.* p. 12893)

A escolha desse instrumento permite ao pesquisador também fazer o exercício da escuta com as crianças. Isso é relevante, pois é possível que a criança traga suas experiências e leituras de seu mundo. Nas rodas os diálogos foram também motivados a partir da demonstração de imagens de grupos de alimentos para que elas digam o que percebem, e também tiveram momentos com a leitura de textos literários infantis sobre alimentação.

Além das rodas de conversa, foi desenvolvida uma oficina culinária com as crianças participantes observando como se comportam ao realizar a tarefa onde foi perceptível a motivação para a execução da atividade, seus estímulos e com isso como elas percebem o momento de preparo, ouvi-las também sobre sua percepção.

Outro ponto desenvolvido foram as rodas de conversas com as merendeiras. Quanto à primeira proposta de roda de conversa com os pais não foi possível, pois quando solicitada na escola está foi marcada e depois desmarcada por conta do cronograma escolar.

Figura 1 – Visão metodológica entre objetivos e ferramentas



Fonte: Elaborada pela autora

A figura mostra os objetivos elencados na pesquisa e as ferramentas utilizadas para produção de dados a fim de buscar atingir cada um dos objetivos específicos.

Análise de dados

Os dados foram avaliados pela análise de conteúdo, que para Bardin (1977) é um conjunto de técnicas de análise de comunicações. Ela se organiza em três polos cronológicos: Pré-análise, exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase da organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais. (BARDIN, 1977, p.95)

A pré-análise tem três missões: "a escolha dos documentos a serem submetidos para análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a

elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final”. (BARDIN, 1977, p.95)

A exploração do material é a fase longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas. (BARDIN, 1977, p.101)

A última fase classificada por Bardin é o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. (BARDIN, 1977, p.101)

Assim, portanto sendo uma pesquisa qualitativa, baseada na análise de conteúdo com materialidade linguística, avaliará os resultados por categorias. Bardin (1977) refere que um conjunto de categorias boas deve ter algumas qualidades que são: a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade e a fidelidade e a produtividade.

3 A ALIMENTAÇÃO INFANTIL E A ESCOLA

Escola...
É o lugar onde se faz amigos;
não se trata só de prédios,
salas, quartos, programa, horários, conceitos...
Paulo Freire

Como diz o poema de Paulo Freire, a escola é um lugar onde se desenvolvem muitas aptidões e habilidades, onde se faz relações de amizade. Ao observarmos o ambiente escolar, vemos a magnitude de vivências que vamos adquirindo ao longo do tempo, percebemos que aprendemos muito e como aprendermos. Na escola, depois da família, também aprendemos a degustar e alimentar-nos, aprendemos sobre alimentos e alimentação, e como esta é importante para nossa sobrevivência, saúde física e mental.

Neste aspecto, destaco aqui pontos relevantes sobre como a alimentação tem relação com a escola e as políticas de alimentação relacionadas à mesma. Para iniciar, historicamente a alimentação esteve envolvida no processo do desenvolvimento humano, fazendo-o evoluir física e intelectualmente. De acordo com a história, primariamente os seres humanos se alimentavam de frutos, raízes, carnes cruas e moluscos. Com a descoberta do fogo na pré-história passou a ter preparações cozidas, o que contribuiu significativamente para o aumento de energia no organismo humano, visto que foi possível aproveitar melhor os nutrientes da carne, por exemplo. Com o passar dos séculos, obteve-se mais técnicas de preparo de armazenamento dos alimentos, prolongando assim a vida humana, visto que foi possível evitar a contaminação e deterioração das comidas.

Temos atualmente uma variedade de alimentos e a alimentação é discutida em várias esferas da sociedade, sendo imprescindível à vida humana. Nesse aspecto, a escola não fica de fora dessa discussão, mas nem sempre ofertou gratuitamente refeições e lanches. A alimentação escolar gratuita se deu inicialmente em 1955. Antes tinha-se em algumas escolas “caixas escolares” com a finalidade de arrecadar dinheiro para fornecer refeição aos estudantes enquanto permaneciam na escola. (BRASIL, 2006). Em 1955 no governo de Juscelino Kubitschek foi criada a campanha da merenda escolar. Em 31 de

março de 1955, Juscelino Kubitscheck de Oliveira assinou o Decreto n.37.106, criando a Campanha da Merenda Escolar (CME). (BRASIL, 2006). O nome dessa campanha foi se modificando até que, em 1979, foi denominado Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), conhecido popularmente por “merenda escolar” (BRASIL, 2006, p.16).

O PNAE tem como objetivo de acordo com a resolução 26 de 2013 no artigo 3º contribuir para o crescimento e o desenvolvimento biopsicossocial, a aprendizagem, o rendimento escolar e a formação de práticas alimentares saudáveis dos alunos, por meio de ações de educação alimentar e nutricional e da oferta de refeições que cubram as suas necessidades nutricionais durante o período letivo. Os contemplados nesse programa são alunos matriculados na Educação básica das redes públicas municipal, estadual ou federal.

Na mesma resolução do PNAE, entre suas diretrizes, destaca-se:

I - o emprego da alimentação saudável e adequada, compreendendo o uso de alimentos variados, seguros, que respeitem a cultura, as tradições e os hábitos alimentares saudáveis, contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento dos alunos e para a melhoria do rendimento escolar, em conformidade com a sua faixa etária e seu estado de saúde, inclusive dos que necessitam de atenção específica;

II - a inclusão da educação alimentar e nutricional no processo de ensino e aprendizagem, que perpassa pelo currículo escolar, abordando o tema alimentação e nutrição e o desenvolvimento de práticas saudáveis de vida na perspectiva da segurança alimentar e nutricional;

Os recursos desse programa provêm do governo federal que repassa, a estados, municípios e escolas federais, valores financeiros de caráter suplementar efetuados em 10 parcelas mensais (de fevereiro a novembro) para a cobertura de 200 dias letivos, conforme o número de matriculados em cada rede de ensino.

Os participantes do programa de acordo com o artigo 5º da resolução 26 são:

I - o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE: autarquia vinculada ao Ministério da Educação - MEC, responsável pela coordenação do PNAE, pelo estabelecimento das normas gerais de planejamento, execução,

controle, monitoramento e avaliação do Programa, bem como pela transferência dos recursos financeiros;

II - a Entidade Executora - EEx. Estado, Município, Distrito Federal e escolas federais, como responsável pela execução do PNAE, inclusive pela utilização e complementação dos recursos financeiros transferidos pelo FNDE, pela prestação de contas do Programa, pela oferta de alimentação nas escolas por, no mínimo 800 horas/aula, distribuídas em, no mínimo, 200 (duzentos) dias de efetivo trabalho escolar, e pelas ações de educação alimentar e nutricional a todos os alunos matriculados;

III - o Conselho de Alimentação Escolar - CAE: órgão colegiado de caráter fiscalizador, permanente, deliberativo e de assessoramento, instituído no âmbito dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios; e

IV - a Unidade Executora - UEx: entidade privada sem fins lucrativos, representativa da comunidade escolar, responsável pelo recebimento dos recursos financeiros transferidos pela EEx. em favor da escola que representa, bem como pela prestação de contas do Programa ao órgão que a delegou.

Em síntese, o governo federal repassa recurso aos municípios, estados e distrito federal e estes deverão completar o valor per capita por estudante.

A essência desse programa é salutar no ambiente escolar, visto que o bom desenvolvimento da aprendizagem também requer uma boa alimentação, que dará energia e os nutrientes necessários para o bom desenvolvimento das atividades do ser humano. A implantação dessas políticas no ambiente escolar contribui para expandir a percepção da criança em relação à alimentação, pois ao receber o alimento e se alimentar cria-se também relações dessa criança com a alimentação, cria-se uma dimensão social da criança com outras crianças; é também um momento de partilha de saberes e experimentos.

Outro documento que podemos citar sobre a alimentação na escola é a portaria Interministerial nº 1.010 de 8 de maio de 2006 que institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional. Esse documento discorre acerca de práticas alimentares saudáveis no ambiente escolar. Esta alimentação deve respeitar entre outros fatores a dimensão cultural na qual os alunos estão inseridos, ou seja, uma prática que priorize aspectos socioculturais.

A escola é ambiente propício para dialogar sobre alimentos e alimentação. Pensar nesses temas aliados ao currículo escolar contribui para que os escolares passem a ter também, por meio dessas discussões, uma visão mais ampla de sua realidade, da sociedade em suas várias facetas, não pensando no alimento apenas como um nutriente quando consumido, mas a relação que ele tem com a sociedade em si. Sobre isso Barbosa (2013, p.940) reflete:

Ao trazer esta prática para o espaço escolar voltado para a construção de uma proposta educativa pautada pela autonomia, não se pode desenhar somente uma prática centrada na relação alimentos e seus nutrientes. O alimento e a alimentação ao se apresentarem como elementos pedagógicos no espaço escolar, compondo propostas efetivas envolvidas com o currículo, poderão propiciar discussões que avançam em direção a análises mais ampliadas da realidade social e possibilitar o entendimento do espaço escolar como favorecedor de ações transformadoras da realidade social.

É de responsabilidade do nutricionista planejar o cardápio dos escolares, elaborar, planejar, acompanhar e avaliar os cardápios, além de realizar diagnóstico e acompanhamento nutricional dos estudantes e atividades de Educação Nutricional nas escolas. A dimensão alimentar ao pensar em um cardápio deve prever também a dimensão cultural na qual a criança está envolvida, uma vez que esse entendimento contribui pra que a criança tenha um melhor relacionamento com a alimentação.

Sobre o papel do nutricionista no âmbito da educação nutricional discutiremos na seção a seguir.

3.1 Educação Alimentar e nutricional

Tomando como base o que expressa Saviani (2011) a educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. É nela que vemos o caminho para discorrer sobre várias temáticas, no processo de ensino interdisciplinar. Cabe assim, pensar na inserção na escola de outras áreas do saber, incluídas no currículo escolar. Como o próprio Saviani reflete, a educação tem a ver entre outros com hábitos, atitudes e habilidades, e observando o contexto no qual hoje se encontra a sociedade, falar de alimentação é salutar,

pois esta não se limita apenas à ingestão de nutrientes (importantes para manutenção da vida), mas tem um movimento mais extenso que engloba fatores culturais e sociais que podem ser desenvolvidos de maneira satisfatória na escola com discussões, escuta que permitem conhecer o outro.

A Educação Alimentar e Nutricional (EAN) se configura como um campo de conhecimento e prática contínua e permanente, intersetorial e multiprofissional, que utiliza diferentes abordagens educacionais. (BRASIL, 2018). Ela surgiu como prática de “ensinar a comer”, desconsiderando práticas culturais e/ ou sociais, e atualmente tem o papel de socializar o conhecimento sobre alimentação a fim de promover práticas saudáveis (SANTOS, 2005 *apud* MUSSIO e SILVA 2016)

Na década de 1990 a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) foi pouco valorizada, mas com o aumento de doenças crônicas percebeu-se sua importância para formação de hábito saudáveis. Neste mesmo período, iniciou-se um intenso processo de renovação da Promoção da Saúde (WHO, 1986; WHO, 1988) e, concomitantemente, da educação em saúde, inspirada enormemente por Paulo Freire (BRASIL, 2012).

Vale lembrar que para Paulo Freire (1998 in Brasil 2012) a Educação é uma prática pedagógico participativa, aquela que acolhe o outro como sujeito dotado de condições objetivas (que o fazem viver de terminado modo) e de representações subjetivas (que o fazem interpretar o seu lugar no mundo).

Outros programas foram surgindo e ratificando a importância da EAN inserida na vida das pessoas. Em 2003 criou-se o programa Fome Zero, que previa a educação para consumo e foram organizadas palestras sobre alimentação e inclusão no currículo Ensino Fundamental desses temas. (Brasil, 2012). Em 2003 a EAN inseriu-se nos programas dos bancos de alimentos, restaurantes populares, equipes de atenção básica, no programa nacional de alimentação escolar (PNAE) e programa de alimentação do trabalhador (PAT). Muitos passos se deram para a implantação da educação alimentar e nutricional e atualmente sua proposta se encontra inserida em vários segmentos da sociedade. Para nós nesse momento vale discutir sua presença na escola, onde acredito que partam de lá muitas construções intelectuais e parta de lá também a construção da autonomia nas escolhas dos alunos.

A educação nutricional e alimentar na escola pode ser desenvolvida de maneira interdisciplinar, entrelaçando os saberes. As discussões no ambiente escolar sobre alimentação se fazem necessárias, diante do cenário do crescimento de patologias associadas à má alimentação, como mostram as pesquisas de órgãos nacionais (IBGE) e internacionais da OMS sobre o aumento de obesidade (que é já considerada uma síndrome), sobrepeso e outras doenças como diabetes, câncer e hipercolesterolemia e os transtornos alimentares associados a padrões de magreza anorexia, bulimia, etc.

Nesse sentido, recentemente foi aprovado a lei 13666 de maio de 2018, que inclui como tema transversal a educação alimentar e nutricional no currículo escolar. Isso contempla a necessidade de discussões sobre a alimentação e nutrição, importantes para manutenção da saúde e para o desenvolvimento crítico sobre as ofertas de hábitos não saudáveis fornecidos pela publicidade.

A prática de Educação Alimentar e nutricional não é apenas dar “ordem” sobre o que comer e como comer. Existem outras extensões ligadas à alimentação que podem ser discutidas e pensadas com as crianças, como o aspecto cultural e social da alimentação, as diferenças encontradas em nosso próprio país e o que isso pode levar a criança a perceber em termos de sociedade. O que leva alguns lugares terem uma possibilidade de alimentos e outros não? A educação alimentar, penso que pode ultrapassar as discussões prescritivas, trazendo outras percepções à criança sobre a alimentação, permitindo um olhar com criticidade sobre o tema.

Neste contexto, é importante a participação do Responsável Técnico nas escolas para contribuir com o esse desenvolvimento, segundo a Resolução CFN nº 358, de 18 de maio de 2005, que dispõe sobre parâmetros numéricos mínimos e atribuições do nutricionista no programa de alimentação escolar. O responsável técnico nutricionista habilitado assume o planejamento, coordenação, direção, supervisão e avaliação na área de alimentação e nutrição. Entre outras atividades de acordo com a legislação no artigo 3º o nutricionista deve

IV- Propor e realizar ações de educação alimentar e nutricional para a comunidade escolar, inclusive promovendo a consciência ecológica e ambiental; articulando-se com a direção e com a coordenação pedagógica da escola para o planejamento de atividades com o conteúdo de alimentação e nutrição;

As atividades realizadas são uma maneira de contextualizar o que os alunos discutiram, podendo ocorrer de várias maneiras, com palestras, projetos, atividades em sala de aula, cabendo aos envolvidos a escolha. “O ambiente de ensino ao articular de forma dinâmica os alunos, familiares e servidores, proporciona condições para desenvolver atividades que reforçam a capacidade da escola de se transformar em um local favorável à condição saudável”. (MUSSIO E SILVA, 2016, p.268). O nutricionista na comunidade escolar tem o papel juntamente com os demais servidores de contribuir para a formação cidadã dos alunos com uma consciência crítica sobre as questões que envolvem a alimentação, levando a criança a perceber o alimento não apenas como algo que deve ser ingerido, mas que por detrás daquele alimento existem outras dimensões que podem ser pensadas e até construídas.

3.2 O atravessamento do consumo e sua influência nas escolhas das crianças

Nesta seção discorro sobre o consumo e como ele pode influenciar nas escolhas alimentares das crianças. Ao falar de consumo Zygmunt Bauman no livro *Vida para o Consumo* (2008) faz a relação de consumo e consumismo. Para ele o primeiro diz respeito a atividades elementares, despercebidas que fazemos rotineiramente de maneira festiva, já o consumismo não se refere à satisfação dos desejos, mas à incitação do desejo por outros desejos, sempre renovados - preferencialmente do tipo que não se pode, em princípio, saciar”. (BAUMAN, 2008, p.121)

Bauman considera que houve a revolução consumista após o que ele chama de “revolução paleolítica”. Essa revolução consumista ocorreu milênios mais tarde com a passagem do consumo ao “consumismo” quando, segundo o autor, este se tornou o verdadeiro “propósito da existência”. (BAUMAN, 2008, p.21)

Fato é que o consumo se tornou consumismo e passou a afetar várias esferas da vida humana; uma delas foi o desencadeamento de patologias. Em

outra obra *Capitalismo Parasitário* (2010), Bauman faz um trajeto, exemplificando sobre como a sociedade começou a ser consumista, com a introdução dos famosos cartões de crédito e crédito financeiros liberados pelos bancos, quando as pessoas passaram a gastar mais do que ganhavam, segundo ele: “o que acontecia, era uma transição da sociedade "sólida" de produtores para uma sociedade "líquida" de consumidores. (BAUMAN, 2010, p.29)

Em outro momento da obra quando foi lhe perguntado: “Até que ponto a sociedade de consumidores, baseada na liquidez, contribui para o aparecimento de patologias específicas de nosso tempo, como a bulimia, por exemplo?” Ele responde:

A bulimia e a anorexia são as reações patológicas mais comuns diante das contradições e dos desafios típicos de nosso modo de vida, em particular, dos seus aspectos egocêntricos e consumistas. As reações tendem a ser patológicas quando não há boas soluções para os dilemas e dúvidas enfrentados. Os problemas nascidos da natureza individualizante e consumista da sociedade contemporânea são quase sempre assim, ou seja, impedem que se encontre uma resolução satisfatória. Obviamente, essas reações tendem também a ser irracionais. Elas falham ao não conseguirem remover as raízes do problema. (BAUMAN, 2010, p.83)

Esse questionamento feito a Zygmunt Bauman me leva a pensar como o atravessamento do consumo pode contribuir para desenvolver patologias nas crianças e na população de maneira geral. Ao responder, o sociólogo remete essas reações patológicas a contradições e reações de aspectos consumistas da sociedade contemporânea.

Como perceber as influências nas crianças no que diz respeito à alimentação? Alguns campos de estudos contribuem com informações/conhecimentos para pensar sobre isso. Para McNeal (1992) *apud* Spaniol (2014) o processo de socialização do consumidor ocorre em cinco etapas de desenvolvimento. Na primeira a criança encontra-se em observação, em que tem o primeiro contato com o mundo mercadológico. Essa mediação é feita pelos pais. Na segunda etapa as crianças já são capazes de pedir algum objeto ou artigo de consumo; segundo o autor de maneira especial produtos alimentícios, isso se dá aos dois anos de idade.

Já a terceira etapa se dá pela seleção, em que a criança tem o desejo de realizar ações de maneira independente como, por exemplo, escolher produtos

de prateleiras de supermercado. Na quarta etapa a criança almeja realizar o papel de adulto, que além de escolher produtos para a compra, deseja ser responsável por seu pagamento. E na quinta etapa as crianças são consideradas consumidoras ativas, isto é, podendo já comprar seus produtos sozinhas. Segundo o autor isso ocorre por volta dos oito anos de idade.

A influência que a criança sofre é significativa e pode comprometer seu desenvolvimento social, uma vez que a cultura do consumismo constrói também segregação entre as pessoas e constrói imagens, cria critério de escolhas e em casos mais graves gera doenças, que podem ser físicas ou psicológicas.

Observando o desenvolvimento do consumismo no público infantil foi criado o Instituto ALANA⁴, uma organização sem fins lucrativos, com surgimento em 2004, que vem realizando um conjunto de ações propostas por alguns segmentos da sociedade com a finalidade de problematizar o consumismo na infância e os impactos mercadológicos a que elas são expostas. De acordo com o instituto:

As crianças foram elevadas, pelo mercado, ao status de consumidoras antes de estarem aptas ao exercício pleno de sua cidadania e são, desde cedo, incitadas a fazer parte da lógica consumista. Isto gera impactos em seu desenvolvimento físico, cognitivo e emocional, além de contribuir para o agravamento de questões como obesidade infantil, erotização precoce e consumo de álcool e tabaco, estresse familiar, violência e diminuição do brincar. (ALANA, 2018, on-line)

O resultado é comprometedor, como alerta a organização, neste campo de exposição mercadológica, referente à publicidade de alimentos devendo ser vigiada. Assim, algumas legislações são importantes a salientar, entre elas a Resolução CNS Nº 408, de 11 de dezembro de 2008, que aponta diretrizes para a promoção de alimentação saudável e para a prevenção de distúrbios alimentares, sobrepeso e obesidade. Destaca-se:

8) Regulamentação da publicidade, propaganda e informação sobre alimentos, direcionadas ao público em geral e em especial ao público infantil, coibindo práticas excessivas que levem esse público a padrões de consumo incompatíveis com a saúde e que violem seu direito à alimentação adequada;

⁴ O Instituto – uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos – nasceu com a missão de “honrar a criança” e é a origem de todo o trabalho do Alana que começou em 1994 no Jardim Pantanal, zona leste de São Paulo.

9) Regulamentação das práticas de marketing de alimentos direcionadas ao público infantil, estabelecendo critérios que permitam a informação correta à população, a identificação de alimentos saudáveis, o limite de horários para veiculação de peças publicitárias, a proibição da oferta de brindes que possam induzir o consumo e o uso de frases de advertência sobre riscos de consumo excessivo, entre outros.

Outra legislação é a resolução nº 163/2014 do CONANDA (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente) que dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente, em que ressalta no Art. 1º:

§ 1º Por 'comunicação mercadológica' entende-se toda e qualquer atividade de comunicação comercial, inclusive publicidade, para a divulgação de produtos, serviços, marcas e empresas independentemente do suporte, da mídia ou do meio utilizado.

§ 2º A comunicação mercadológica abrange, dentre outras ferramentas, anúncios impressos, comerciais televisivos, spots de rádio, banners e páginas na internet, embalagens, promoções, merchandising, ações por meio de shows e apresentações e disposição dos produtos nos pontos de vendas.

Outra lei de suma importância é o projeto de lei nº PL 5608/2013 que ainda precisa ser aprovado pelo senado que prevê a regulamentação da publicidade infantil nas mídias. As preocupações sobre os impactos da exposição exagerada aos apelos do consumismo têm aumentado, uma vez que é visto nas pesquisas o acentuado aumento de obesidade, sobrepeso, diabetes e hipertensão em crianças, isso pelo alto consumo produtos açucarados, concentrados em gorduras.

A publicidade de alimentos dirigida a crianças vale-se, frequentemente, do uso de personagens e celebridades familiares ao universo infantil no intuito de favorecer a venda de produtos e serviços. Estudos científicos revelam que a associação entre personagens, celebridades e produtos pode influenciar diretamente a escolha feita pelo consumidor, em especial, crianças e adolescentes, os quais relacionam positivamente as personagens e celebridades que admiram com o produto (Caderno legislativo)

No documentário “Criança, a Alma do Negócio”, feito em 2008 dirigido pela Estela Renner e produzido por Marcos Nisti, reflete-se sobre o consumo e seus impactos na vida criança. Nele, profissionais de diversas áreas dão um

parecer sobre o impacto que a mídia tem feito na vida das crianças, que reconhecem diversas marcas de celulares, sapatos, sandálias, brinquedos associados a lanches, mas não reconhecem animais como minhoca, peru, ou legumes e frutas. Os pais que participam são unânimes ao falar que percebem que as propagandas são realizadas para as crianças. Isso tem uma explicação, pois, como comenta a pesquisadora e mestre em Educação Ana Villela, presidente do Instituto ALANA, baseada em pesquisas da Interscience que 80% das propagandas são direcionadas ao público infantil. O documentário alerta ainda que em apenas 30 segundos uma marca pode influenciar uma criança.

Neste contexto vale refletir qual o papel da escola, como devem ser os procedimentos adotados para educar numa sociedade consumista e, como propõe Bauman, “líquida”, em que a mídia propõe meios que influenciam na leitura de mundo da alimentação trazendo impactos sobre elas? Penso que a educação consciente e cidadã vale a pena e pode trazer bons frutos, desde o mostrar o caminho a uma boa alimentação até aquisição de artigos para compra.

4 A CRIANÇA E SUA LEITURA DO MUNDO DA ALIMENTAÇÃO

A criança lê o mundo com olhos, imaginação, desejos. Antes de ler a palavra, a criança lê o mundo através de gestos olhares, expressões. Ela não está neutra no processo de leitura do seu mundo, insere-se no mesmo e adapta-se e interage com ele. Com essa reflexão, e outras, me baseei, para pensar esse estudo.

Como referido, a pesquisa foi desenvolvida na escola municipal Paulo Freire. Iniciei a observação em sala de aula, isto para obter uma forma de “quebrar o gelo” com as crianças, e de começar a buscar um pouco de intimidade com as mesmas. No primeiro dia de observação, ao adentrar na sala, os cumprimentei, e me sentei no final da sala, e por lá fiquei boas horas ao observá-las durante a dinâmica da aula.

Aproximação com campo de pesquisa

No primeiro momento minha aproximação na escola foi para pedir consentimento para realizar a pesquisa. Então fiz alguns esclarecimentos à diretora da escola que gentilmente aceitou e me repassou as informações sobre a escola e alunos, contidas no projeto político pedagógico da escola. Fiz as anotações a respeito do contexto da escola e após isso observei-a e fui conhecer as merendeiras da escola.

Conversa com as merendeiras

A conversa com a merendeiras foi bem proveitosa. Vi a satisfação que elas têm em contribuir com a educação das crianças, apesar das limitações, pois na função de merendeira a escola possui apenas 3; os demais funcionários acabam se ajudando, como a copeira, zeladora e vigia. No primeiro momento me apresentei e iniciei a roda explicitando sobre o estudo que estava realizando.

A escola tem um público diverso, recebe crianças de vários bairros próximos e também crianças indígenas que moram em casas de acolhimento

para famílias indígenas ou que saíram de suas aldeias e mudaram para a cidade de Imperatriz por conta própria. Além das turmas das crianças das séries iniciais, no mesmo turno atende também crianças e adolescentes das séries finais do ensino fundamental.

Após isso perguntei como as crianças recebem o lanche da escola. Abaixo exponho a descrição da fala de uma delas que disse:

Merendeira 1: “ Vem fazendo zoada até demais, é preciso a gente tá corrigindo; temos que falar: calma tem pra todos. Todos nós, nos envolvemos na educação deles, aqui estamos ensinando, nós trabalhamos também a educação dos alunos, não é só o professor”.

A fala da merendeira torna-se pertinente sobre a educação das crianças. Esse envolvimento com as crianças cria estreitos laços de convivência e, ao mesmo tempo, observa-se a importância e seriedade que elas (merendeiras) demonstram em participar da educação dos escolares.

De acordo com as merendeiras, são em média alimentadas no período vespertino 570 crianças e adolescentes. Um número bem expressivo, em que se observa a importância das políticas de implantação da merenda escolar, assim como também a boa manutenção dessas merendas.

Continuei a conversa e indaguei-as sobre a relação delas (profissionais) com as crianças. Isso me chamou atenção pelo fato de serem muitas crianças e mesmo assim elas conseguem conhecê-las e diferenciá-las, como descrito abaixo nas falas.

Merendeira 1: “Tem aquelas que a gente sabe que são mais carentes, que a gente conhece pelo olhar, tá pedindo às vezes, vêm com barriguinha com fome. Que nem agora que (...) e teve uma, não comeu, a gente tá ajeitando uma coisa pra dar, tá disponível pra quem chegar com fome, ajeita um pão com copo de leite, porque os pais às vezes não têm, a gente ajeita, sabe, algo pra ele comer, sabe que não comeu.

Merendeira 2: “Sim, tem criança que desmaia...”

Merendeira 3: “Mais pela manhã, de manhã passa mal, tem que arrumar alguma coisa, um biscoito, maioria dessas crianças jantam mal, não tem comida em casa, e já vem pensando no lanche, não dão conta de esperar o lanche. Não é uma coisa corriqueira”.

Merendeira 1: “A gente quer frisar que não ficam sem comer. Sempre quando muitas vezes não almoçou, a coordenadora traz a criança com fome, algumas tem uma queda de pressão”.

Essas falas constatarem que a grande maioria das crianças advêm de famílias carentes, desprovidas muitas vezes de alimento (comida), e como a escola passa a contribuir também com o desenvolvimento alimentar delas. A reflexão que me trouxe foi que a leitura dessas crianças sobre o alimento, muitas vezes pode ser de sofrimento, de escassez, da percepção de porque não tenho em casa alimento, e que deveria ter. Essas dimensões ainda demonstram a desigualdade social e econômica que assola nosso país.

Não é o objetivo do meu estudo, mas em uma reflexão realizada por Silva et al (2018) achei pertinente a reflexão de que alimentação escolar não deve ser vista com o caráter assistencialista, pois gera uma relação de poder com quem a oferta. Assim o outro que a recebe é visto como pobre, necessitado, inferiorizado e que a alimentação escolar também influencia nos processos de formação de identidades. Isso é considerável, pois na escola as crianças também começam a ter contato com “o alimento” e, em determinadas ocasiões, o primeiro contato com algum tipo de alimento.

As práticas alimentares participam dos processos identitários, pois a alimentação assume uma posição central no aprendizado e na formação social, por sua natureza vital, rotineira, geradora de sociabilidades e possibilidades de escolhas. (SILVA et al, 2018, p.4)

Dando continuidade na roda, as merendeiras continuaram exemplificando.

Merendeira 1: “Eles são de vários bairros, do Bom Jesus que fechou a escola, gente da invasão, muitos índios, os índios gostam de merendar. Gostam de comer. Única coisa que eles não gostam é de abóbora, catam e jogam fora”.

Merendeira 2: “As crianças excluem as verduras, gostam mais é da massa Nunca vi umas crianças daqueles”.

Os hábitos alimentares formados em casa, como já citado, tem uma grande influência nas escolhas das crianças, que trazem para fora do seu lar suas preferências, estas que muitas vezes são influenciadas por propagandas que incentivam ao consumo de alimentos constantes na mídia.

Sobre isso a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), realizada nos meses de agosto de 2013 e fevereiro de 2014, demonstrou que os alimentos ricos em gordura e açúcar são consumidos cada vez mais cedo. Os dados demonstraram que 60,8% das crianças brasileiras menores de 2 anos comiam biscoitos, bolachas e bolos e 32,3% delas tomavam sucos artificiais e refrigerantes (BRASIL, 2015)

A conversa com as merendeiras foi bem proveitosa. Pude entender melhor o contexto em que as crianças estavam inseridas, pelo olhar daquelas profissionais que observam bem as crianças e eram capazes de citar exemplos até nomeando as crianças, porque as conheciam e faziam questão de estar ali para contribuir na educação delas.

Observação em sala de aula

Conforme combinado, retornei na data prevista para conversar com a professora da sala de 2º ano, na qual realizei a pesquisa. Nesse dia minha observação se limitou ao espaço fora da sala de aula, conversando com ela senti que não estava à vontade para que eu entrasse na sala de aula. Então tivemos uma breve conversa em que combinamos que na hora do intervalo conversaríamos e montaríamos o cronograma da pesquisa. Assim fiquei na escola e aproveitei para observar a sala na hora do lanche. As crianças saíram em fila (algumas correndo), receberam o alimento (biscoito de sal com achocolatado) e algumas voltaram à sala e outras sentaram nas calçadas aos redores da sala de aula e lancharam. A escola não possui um espaço (refeitório) para a realização das refeições. Após o lanche, na hora do intervalo, pude conversar e planejar as datas da observação e rodas de conversa com as crianças com a professora da sala. Combinadas as datas, encaminhei a ela por e-mail para que acompanhasse e entreguei os termos de livre esclarecimento e consentimento.

Conforme combinado, retornei para outra observação agora em sala de aula. A turma possui 28 crianças que segundo a professora ainda não desenvolveram a habilidade de leitura, apenas realizam atividades impressas e copiadas do quadro. A professora realiza as atividades com as crianças sem auxílio de uma auxiliar de sala, relata que muitas vezes não consegue

desenvolver as tarefas como havia planejado por não poder auxiliar as crianças como deveria.

Ao adentrar pedi licença e me sentei no final da sala. A aula se encaminhou normalmente, com a proposta da professora sobre a leitura do “Bom Samaritano” na aula de religião. Inicialmente, ouvem com atenção, mas com pouco tempo começam as conversas transversais que incomodam a professora que pede silêncio. O encaminhamento da aula segue, após a leitura é feita uma atividade. As crianças ainda não sabem ler, mas com a indicação da professora vão copiando (retirando do quadro) as respostas. Por alguns instantes a professora precisa se retirar da sala e pede que eu “fique de olho” na turma. Com a saída dela os alunos começam a conversar comigo, perguntando se ficarei indo sempre na sala deles, o que eu ia fazer. Após alguns instantes a professora retorna e a aula segue. Alguns alunos começam a comer ⁵“chilito com refrigerante”, e a professora fala se “alguém mais tiver trazido? lanche, podem lanchar”.

Em seguida, o zelador veio para chamá-los para lanchar. Eles foram em fila (alguns correndo) e ficaram pelo pátio e alguns retornaram à sala. Aos que retornaram, perguntei se gostavam do lanche. Respondem que sim, da turma de 20 alunos, apenas um não gostava de lanchar na escola. Após o lanche, ofertado nesse dia sopa, me despedi da turma, agradei e falei do meu retorno para uma conversa com elas (as crianças).

Rodas de Conversa

Na primeira roda de conversa estive com 18 alunos participantes. Porém descrevo abaixo a discussão com 8 que foram os alunos que continuaram as demais rodas. O motivo dos outros 10 alunos não continuarem na pesquisa foi porque observou-se que a escuta e reflexão sobre as falas nas rodas de conversa para essa pesquisa seria mais satisfatória com uma quantidade menor de alunos. A escolha dos participantes foi feita pela professora que, como já mencionado, optou pelos alunos que segundo ela eram mais tranquilos e participativos em sala de aula. Em todas as rodas organizei o ambiente, para

⁵ Salgadinho industrializado de milho, queijo ou de outros sabores.

que ficássemos bem acomodados, e sempre explicando que íamos conversar sobre alimentação.

Então, começamos a conversa, para organização. Optei por chamá-los de alunos e enumerei-os. Na roda alguns alunos, por timidez, não falaram e respeitei o seu momento.

Para iniciar perguntei sobre: O que vocês gostam de comer?

Aluno 1 respondeu: “Eu não gosto de cebola, e nem gordura”.

Aluno 2 disse: “Eu gosto de gordura, cebola e tomate”.

Aluno 5: “Não gosto de ovo”.

Aluno 2: “Eu gosto de macarrão”.

Aluno 3: “Eu gosto de bolo de chocolate”.

Aluno 4: “Eu gosto de chilito”.

Aluno 5: “Eu gosto de chocolate”.

Aluno 6: “Eu gosto de bolo de milho”.

Aluno 8: “Eu gosto de morango”.

Ao observar suas respostas, percebi que foram bem espontâneos e gerais, comum de crianças na idade deles. Fato que me chamou a atenção foi nas respostas parecidas, e alguns como a aluna 8 que falou que gostava de morango, pois ao final da roda continuei conversando com ela e ela novamente repetiu que gostava de morango. Na região nordeste, o morango não é comum, temos, mas não é fruta típica do nosso ambiente. Sendo a preferida da aluna, que me disse que comeu uma vez em um bolo, na casa de uma amiga em um aniversário. Questionei se era comum ter em sua casa, ela tímida respondeu sorrindo que não.

Assim, percebo que a leitura que as crianças fazem de determinados alimentos está relacionado com expectativas, alegria e satisfação quando seu desejo é realizado. A comida marca determinados momentos em sua vida, aqui como referido foi uma comemoração de aniversário, que essa criança não esqueceu.

Sobre isso, recordo mais uma vez da obra *O menino que lia o mundo* em Brandão (2005) a retratação da leitura de mundo é reafirmada, quando contada a história de Paulo Freire, mostrando o seu desenvolvimento no campo da leitura

desde a leitura de seu mundo imediato, como o mesmo se refere. Nesse contexto entram as experiências que o menino fazia no quintal de casa, como por exemplo, com as árvores frutíferas que marcaram sua infância pelo sabor, cores, não sendo substituídas pelas propagandas de outros alimentos.

Essa reflexão feita por Ana Maria Freire (2005, p.6), citada na obra *O Menino que lia o mundo*, mostra que os ensinamentos no lar, se tornam lembranças importantes e marcantes para a criança.

Continuei a conversa e as crianças empolgadas com o momento, me deixaram entusiasmada por falar de assunto simples e rotineiro da vida delas, mas que estava interessante, porque me parece que ninguém ainda havia conversado sobre suas percepções alimentares. Então perguntei, porque gostavam dos alimentos que tinham que falado/citado. Em sua grande maioria responderam “porque faz bem pra saúde”. Outros disseram:

Aluno 5: “Porque minha barriga enche”.

Aluno 8: “Porque gosta de comer chilito, porque tem sal, entre o chilito e maçã escolheria o chilito porque tem sal”.

Questionei porque aqueles alimentos faziam bem à saúde e disseram que os pais tinham falado. Isso confirma, como a participação dos pais, o convívio no lar, cria percepções e leitura no mundo infantil, assim como também aspectos culturais.

Araújo (2015) explica que já na gestação a criança começa a adquirir hábitos alimentares, baseado na alimentação da mãe e que o fator genético é de suma importância, porém não sobressai em relação aos outros fatores como exposição ao alimento e práticas alimentares parenterais.

Em sua pesquisa, os resultados mostraram que o consumo materno é um forte fator para predizer do consumo de alimentos saudáveis pela criança. A frequência de compra de alimentos não saudáveis e a idade da criança também apareceram como preditores do consumo de frutas e hortaliças, no entanto apresentando associação inversa.

Sobre isso, as crianças falaram também de suas preferências por frutas.

Aluno 1: “Não gosto de frutas”.

Aluno 2: “Eu não gosto de frutas”.

Aluno 3: “Eu gosto de maçã, é muito boa”.

Aluno4: “Eu gosto de maçã”.

Aluno 5: “Gosto de morango porque é doce”.

Perguntei se as tinham em casa, alguns disseram que não. Fato observado nas pesquisas de Birch e Fishere (1998 in Araújo 2015) em concordância com estudo de Araújo é que as escolhas dos alimentos são dadas pela oferta que as crianças têm em casa. Porém, as crianças participantes também demonstram o desejo por frutas que já viram em vendas ou em casas de colegas; demonstram também compreender e envergonhar-se por não tê-las em casa.

Encerrando a roda pedi que desenhassem o que gostavam muito de comer e como eles imaginavam o alimento. Percebi que as crianças associavam o alimento com algum outro contexto, lugares. Não representava apenas o alimento de sua preferência, mas algo mais, de lembrança, ou mesmo de desejos.

Combinamos uma outra roda e elas aceitaram.

Quando retornei para a segunda roda, como de costume fui à sala do segundo ano, pedi para professora a permissão para que as crianças participantes pudessem sair para participar da roda de conversa e ela permitiu.

Iniciei perguntando às crianças como elas estavam, disseram que estavam bem. Perguntei se lembravam do nosso último encontro, e elas começaram a participar dizendo que sim, lembrando do que tinham me dito. Então comecei a propor que me falassem sobre o que comiam em casa com mais frequência ou ainda que tinham vontade de comer não tiveram a oportunidade de comer.

Para essa roda levei uma bolinha, de maneira simbólica para quem fosse falar e quisessem falar, a pegasse. Uma maneira também de motivá-los a falar, ficaram entusiasmados e todos queriam pegar a bolinha para falar. Foi bem divertido.

Aluno 1: “Macarrão, tomate, e não gosto de cebola e nem de abóbora, e cenoura...”

“Tem alguma coisa que você nunca comeu e tem vontade?”

Aluno 1: “Camarão, caranguejo e maçã”.

Aluno 2: “Gosto de banana, que eu nunca comi... hum não é, todo dia vou lá no negócio da minha mãe e pego uma bolinha de chocolate que ela põe no bolo... ela deixou de fazer e pego pra comer; tem vez que peço pra minha mãe ela faz que gosto de macarrão, não falta morango lá em casa, do bolo, lembrei tenho vontade de comer Nutella”.

Aluno 3: “Macarrão, tenho vontade de comer jaca”.

Aluno 4: “Gosto de macarrão, eu tenho vontade de comer... queria comer maçã”.

Aluno 5: “Macarrão, bolo de chocolate com morango, vi na rua na padaria. Quando era pequena, comia muito macarrão.”

Aluna 6: “Tia você me fez lembrar de coisa, lembrei, meu sonho é comer pamonha, vi na rua. (Olha pamonha, 2 reais, na rua o homem)”.

Aluno7: “Gosto de maçã, tenho vontade comer uva”.

Aluna 8: “Gosto de comer macarrão, abacaxi, barra de chocolate, tenho vontade de comer pamonha. Minha mãe quase todo dia faz macarrão”.

Para essa roda percebi que as crianças falaram mais, se expressam bem. Ao observar as respostas, algumas opções foram bem parecidas e frequentes. Em alguns momentos questionei se estavam falando porque o colega tinha optado também por determinado alimento, disseram que não. O alimento mais comum e da preferência das crianças foi o macarrão, e é bem verdade que gostam, pois pude acompanhar um dia em que o lanche foi sopa e todos eles realizaram o lanche e elogiaram a comida. Isso condiz com a fala da merendeira 2 sobre que as crianças preferem as “massas”, sendo também um alimento barato, em média com pacote de R\$ 2,00 a R\$ 3,00 reais.

Observei também que a presença de alimentos fora do contexto da região que apareceram como opção de alimento que não tiveram oportunidade de experimentar ou de ter sempre em casa, como uva, maçã. E outros como camarão e caranguejo. Esses alimentos costumam custar mais caro, e ao analisar a fala das crianças nas rodas como é o convívio em casa, dá para perceber que em sua grande maioria são crianças que vem de família com baixa renda e famílias grandes. A renda não dá oportunidade às crianças e as limita em suas leituras alimentares. O que muitas vezes veem ou ouvem sobre

alimentos, não chega em suas mesas, não faz parte do grupo alimentar que elas consomem.

Acho importante destacar que a questão social e econômica limita de certa forma a visão de mundo dessas crianças, não apenas em termos alimentares, mas em um contexto como todo.

Essa mazela da distribuição de renda ainda é um dos fatores de grande desigualdade e que fragmenta o olhar da criança. Não estou falando aqui especificamente da fome na pesquisa, porém existem ao ver várias categorias de fome, no dicionário fome também é designada por: sensação que traduz o desejo, a necessidade de comer. A sensação do desejo na fala dessas crianças que possuem muitos sonhos é traduzida na fala e no olhar. Eu me pergunto quais as possibilidades que as levam a escolher alimento X ou Y? Talvez essa seja uma possível resposta, a limitação que elas encontram no contexto social e econômico.

O livro *Geografia da Fome* (CASTRO, 1984) que gentilmente foi indicado pelo professor Sandro Pitano, me fez refletir como eu precisava ter esse olhar a um fato que corriqueiramente é falado e noticiado, mas que ainda não tinha refletido como a fome/o desejo está presente em tantos campos da vida. O autor destaca a importância que a expansão da economia para o processo de diminuição da fome, sendo a educação mais uma vez uma peça chave citada pelo autor como um caminho a se conseguir o bom acesso à alimentação. Chama atenção sobre como isso deve ser mostrado às crianças e aos adolescentes e ainda que isso é a valorização do homem.

Continuei a roda e fui instigando-as a falarem mais sobre o que rotineiramente comiam em casa, se gostavam.

Aluno 2: “Não gosto mais de linguiça. Salsicha parece dedo”.

Aluna 3: “Sardinha... Um dia desses minha mãe fez sardinha, ela me mandou experimentar, eu não gostava eu achei tão delícia”

“Eu indaguei: Vocês comem direto essas comidas?”

Aluna 3: “Como direto, a mãe ganhou uma cesta básica no trabalho, na lanchonete da UFMA e ganhou monte de sardinha”.

Aluna 4: “Só gosto de ovo cozido”.

Aluno 5:” Direto eu como ovo na casa da minha vó, minha tia, na casa da mulher que me olha. Biscoitossss...”

Aluno 6: “Eu gosto de biscoito de sal é que mais como em casa”.

Aluno 7: “Eu gosto de biscoito de chocolate”

Aluna 2: “Eu gosto de comer leite, Nescau e biscoito”.

Aluna 2: “Já comi hambúrguer. Eu já comi na rua, em frente à casa da minha vó. Você sabe onde é o Nacional? loja facebook, em frente à casa da minha vó, minha mãe namorava com o dono, eu comia de graça, comi no shopping”.

Antes de finalizar perguntei se alguém queria falar de alguma coisa, e elas mudaram o rumo da conversa da roda. Perguntaram se tinha filhos. As crianças mudaram as perguntas e começaram a me perguntar se tinha filhos. Então deixei elas conversarem sobre isso, e comecei a entender que muitas daquelas crianças não moravam com os pais e que tinham seus próprios conceitos sobre os próprios pais. Fiz o movimento de ouvi-las, alguns relatos que inquietaram naquela roda, alguns com 10 irmãos e não moram com os pais, e com frase feitas: “Meu pai não trabalha, só sabe bebe cachaça”. Me fizeram entender que a leitura de mundo daquelas crianças tem filtrado situações que as marcarão. Por fim, agradei por mais uma conversa e combinei que voltaria para finalizar com elas as rodas.

No desenvolvimento das rodas com as crianças tentei conversar com os pais, como me propus no desenvolvimento da pesquisa. Marquei a data, mas não foi efetivada, pois combinei uma data em que os pais deveriam ir para uma reunião na escola, mas por organização da escola me disseram que não teria mais a reunião. Em uma conversa com a professora da turma continuei insistindo em ter uma fala com os pais, mas segundo ela os pais não viriam, ela me relatou que eles não compareciam nem nas reuniões. Outras tentativas foram feitas, mas por fim não consegui uma roda de conversa com os pais. Pude observar que a presença dos familiares na escola é bem difícil. Não é possível afirmar se tem a ver com a situação relatada pelas crianças sobre o contexto familiar em que vivem, mas acredito que essa situação contribui para a ausência dos familiares na escola. Em conversa com a professora das crianças, em uma de

suas falas, ela mencionou que a presença dos pais na escola é difícil porque alguns passam o dia trabalhando e outros não têm o costume de ir à escola.

Roda 3- Oficina

Para finalizar o trabalho, fiz uma oficina (preparação de salada de frutas) com as crianças na cozinha da escola, e fomos conversando sobre a participação delas em casa quando vão se alimentar, se ajudam em pequenas ações, se sugerem. Elas comentaram que não têm o costume de acompanhar nas elaborações das refeições. Foram perguntando sobre as frutas para que serviam, “o que a casca da banana faz?”. Indaguei-os sobre quais daquelas frutas não eram da nossa região (nordeste, especificamente Maranhão), mostraram que a maçã e a pera, mostrando que as crianças têm noção sobre as frutas regionais e conhecem sobre elas.

As crianças demonstraram interesse em saber o que tinha em cada fruta, curiosas em ver, entender o processo de preparação da salada de fruta, uma experiência nova para elas. Nesse momento, foi bem difícil separar as orientações nutricionais para observar o que elas percebiam em cada fruta, porque gostavam e de quais gostavam, ou ainda quais daquelas teriam

A oficina foi também uma maneira de agradecer por terem participado das rodas. As crianças gostaram, apenas um aluno não degustou a salada.

As conversas com as crianças me fizeram refletir como também elas precisam ser ouvidas, questionadas indagadas em assuntos. Há apenas prescrição para elas. As leituras delas estão envolvidas em práticas cotidianas em casa, na escola, com os familiares de maneira geral. E há também a leitura apenas no “olhar”, aquilo que elas ainda não alcançam, não foram oportunizadas. Isso de certa forma fragmenta o desenvolvimento de crianças tão inteligentes, mas que estão à margem da sociedade e são pouco aguçadas em suas leituras, por diversos fatores, como o econômico e social. Isso é demonstrado, por exemplo, quando sentem vontade de experimentar alimentos que elas veem na rua, como o caso da “pamonha”, em que o vendedor passa na rua fazendo sua propaganda. Para um adulto, isso passa despercebido, tão simples, e muitas vezes até fácil de adquirir, mas isso vai criando leituras e percepções nelas. Como um, a festa de aniversário, em que o sabor do bolo de

chocolate com morango, ficou na memória e gerou vontade de experimentar tal fruta (morango), os laços de amizade que se criam quando elas (crianças) se reúnem em festas como essas, ficam na lembrança.

Quais as possibilidades que as levam a determinadas leituras? Muito provável são as possibilidades e limitações em que elas já se encontram inseridas. Elas não são neutras e realizam leituras do seu contexto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso para a realização desse estudo trouxe outras esferas de como a pesquisa com crianças participantes surpreende e nos movimenta a outras possibilidades, na medida em que o caminho percorrido na pesquisa científica é imprevisível, no sentido de que o pesquisador na verdade é guiado pelo que propôs a pesquisar.

o labor científico caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, imbuem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído. (MINAYO, 2001, p.13)

Quando escolhermos o tema da pesquisa, tínhamos um olhar de como poderia ser o seu desenvolvimento, mas como dito outras esferas ou dimensões foram sendo acrescentadas a fim de adentrar melhor no objeto de pesquisa. Os caminhos foram gratificantes e cheios de aprendizado. O mestrado me possibilitou realizar outras leituras, permitindo o contato mais aprofundado com outros saberes, outras teorias, passando por um processo de amadurecimento intelectual. Acredito que isso faça parte do artesanato intelectual a que fui submetida num percurso muito proveitoso de estudos e reflexões.

A partir da problemática - Que leitura de mundo da alimentação crianças de 7 e 8 anos de idade na escola pública Paulo Freire no município de Imperatriz-

MA fazem a respeito da alimentação? várias outras indagações dentro desta foram surgindo: Como ela (a criança) lê o mundo da alimentação? O que pensa sobre as questões alimentares? Quais as possibilidades que lhe permitem ou as levam a escolher alimento X e não Y? Que experiências de consumo elas têm? Essas reflexões me moveram a pensar a leitura que as crianças fazem sobre a alimentação.

Muitas respostas foram surgindo. As crianças têm uma peculiaridade em ler o mundo da alimentação, que não se restringe ao ato de degustar o alimento ou preparação, mas associa-se a acontecimentos de sua vida, a desejos próprios, está ligado a suas possibilidades. E como essas possibilidades marcam suas vidas, por vezes percebi a limitação delas por conta das condições em que estão inseridas, do contexto em que vivem. Isso me fez pensar como a alimentação está imbuída em muitas outras esferas. A leitura da alimentação para elas é feita a partir da permissão do seu aspecto social e econômico (principalmente) em que se encontra. Isso me fez refletir que há muita disparidade e desigualdade que limitam até a leitura de mundo das crianças, que como qualquer outra pessoa é cheia de desejos, anseios, que lhes permitiriam aguçar muito mais seu desenvolvimento intelectual, mas que param ou são paradas pelo sistema pelo qual o mundo hoje é regido. As escolhas da alimentação dessas crianças são feitas não a partir do que querem ou anseiam, mas das possibilidades que encontram em seu contexto de vida.

Me propus a seguir alguns trajetos, tendo como objetivo geral analisar como crianças de 7 e 8 anos “leem” o mundo no que diz respeito a suas escolhas alimentares. Para isso encontrei nas rodas de conversa um caminho investigativo, em que fomos dialogando sobre possibilidades alimentares. Busquei ainda compreender como se dão as escolhas alimentares de crianças de 7 e 8 anos da escola municipal Paulo Freire de Imperatriz- MA; Discutir sobre leitura e leitura de mundo da alimentação que fazem as crianças de 7 e 8 anos da escola Municipal Paulo Freire de Imperatriz- MA no que se refere-se à alimentação; Contribuir para uma educação alimentar adequada do ponto de vista nutricional com incentivo a escuta da criança sobre sua percepção alimentar e preferências.

Quanto a esse estudo, fico na certeza que foi bem proveitoso e me realizei como pesquisadora ao ir ao encontro desses objetivos, certa também que há

outros percursos que podem ser percorridos e aprofundados, os quais fui percebendo no decorrer das rodas. Por exemplo, o desenvolvimento de uma visão macro da região e análise comparativa com crianças que não sejam de escolas municipais, ver os diálogos de crianças inseridas em outras possibilidades.

Fiz ainda um rico percurso em leituras de dissertações e artigos, embora não tenha encontrado muitos materiais sobre minha temática, o que inicialmente trouxe preocupação, mas com uma boa orientação fui conseguindo entender o processo de escrita.

Nas leituras compreendi o que realmente era pesquisa com criança. Aqui cito a dissertação de Jonas Hendler da Paz (2017) orientado também pelo professor Danilo Streck, por meio da qual fui entendendo o que é colocar a criança como protagonista nas pesquisas acadêmicas. Compreendi o princípio da descolonidade, que conduz ao importante olhar para quem faz pesquisa com criança. Nessas leituras indicadas pelo meu orientador fui me envolvendo e entendendo aos poucos o que é a pesquisa participante e como traz uma rica contribuição e cientificidade acadêmica, permitindo uma rica percepção do pesquisador. Destaco também as dissertações lidas como: Gaino (2012) que trouxe em sua pesquisa as concepções da criança em idade escolar sobre alimentação e nutrição, um trabalho rico em detalhes, que mesmo com um outro olhar sobre a alimentação contribui para minhas reflexões. Outros trabalhos como Spaniol (2014) que reflete sobre a influência da publicidade nas escolhas alimentares, e Araújo (2015) sobre as “Práticas Parentais Alimentares e sua Relação com o Consumo de Alimentos na Infância”. Trabalhos desenvolvidos em áreas diferentes da Educação, na área da saúde, trouxeram contribuições para reflexão sobre minha temática e o que ela traria de diferente dos trabalhos realizados.

Em Freire (1987; 2008) busquei relacionar a “leitura de mundo” com alimentação por acreditar que esse tipo de leitura é um passo inicial para muitas outras, como alimentação. Nesse percurso expus através da leitura de autores que falam da leitura, Solé (1998), Martins (1998), Fregonezi (1999), PCN’s (1998), para entender a leitura de mundo, que esta última inicia-se mesmo antes do aprendizado do código linguístico, mas que ambas estão ligadas e são importantes para o desenvolvimento intelectual da criança.

Outro fator a mencionar é como a escola faz parte do processo de desenvolvimento da leitura de mundo, sendo um lugar de muitos aprendizados, e nela desenvolvem-se muitas aptidões e habilidades, e atravessam muitas vivências. É o lugar também onde a criança tem sua relação com alimentação. Para isso destaquei como as políticas de alimentação foram sendo implantadas no ambiente escolar, permitindo ir além da degustação do alimento para as crianças, abrindo diálogos e discussões sobre alimentação, e contribuição para o desenvolvimento humano e sua relação social.

No contexto de social, lendo Bauman (2008; 2010) refleti sobre o atravessamento que a sociedade vem passando pela cultura do consumismo, que muitas vezes segrega, constrói imagens e pode gerar patologias.

Essas leituras contribuíram e abriram leques para percepções sobre o desenvolvimento da pesquisa. Saliento ainda, a roda com as merendeiras a preocupação delas em ofertar o melhor às crianças, o cuidado e atenção. Como elas também, a partir de suas próprias leituras, foram atendendo cada criança de acordo com sua particularidade.

A experiência na realização das rodas com as crianças foi satisfatória. Foi interessante observar como elas interagem, e utilizam linguagens próprias para exemplificar e explicar suas percepções.

Quando colocadas frente a frente, ao desenvolverem atividades comuns, é possível perceber as concepções que trazem do seu cotidiano aliadas às “redes de significação e às conexões de sentido, que são partilhadas no grupo, para descobrir sentidos comuns no seu saber, fazer e sentir”. (RHODEN, p. 411)

Outro ponto que me fez refletir é acerca da seguridade que todos temos na constituição federal sobre o direito à alimentação de qualidade; me questionei até que ponto esse direito é alcançado, e ainda porque aquelas crianças ainda têm tanta limitação na leitura de mundo delas sobre alimentação. O direito dado a elas é o mesmo direito dado a todos?

Penso isso, porque pude observar os anseios nos olhos delas pelo novo, pelas descobertas, próprias das crianças, por sabores, frutas. Como referido o mestrado me trouxe para o movimento do desnaturalizar e gentilmente orientada pela banca fiquei pensando na palavra possibilidade inserida no contexto das crianças participantes. Poderia delinear muitas outras inquietações, mas deixo-

as abertas para outros estudos posteriores. Infelizmente não foi possível ver e relacionar a família nessa pesquisa, tão comentada nas rodas pelas crianças. A família é ponto direcionador de leituras, onde as relações humanas começam, onde se constrói cultura. Concordo com Costa e Bujes (2005, p.213) quando dizem: “Não há experiência humana fora da cultura”, entender leitura de mundo, é uma busca por também compreender cultura.

Por fim, agradeço pela possibilidade que tive de pensar no processo de leitura de mundo a partir da alimentação, que me permitiu amadurecer também nas minhas leituras de mundo. Fiz nesse período de estudo o exercício também de observar, escutar, refletir. Espero contribuir para que sejam levadas em conta a percepção que a criança tem, sobre o porquê de suas escolhas, quais as possibilidades lhe fizeram optar, antes de qualquer prescrição antecipada. Creio que o pensar junto permite isso. Reitero como o mestrado, direcionado pelos professores, trouxe um momento muito significativo de partilha de conhecimento ainda não vivenciado por mim, com humildade e muito compromisso. Sigo no caminho de reflexão, do movimento de pensar agora mais madura e com ainda mais compromisso com minha profissão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Giovanna Soutinho. **Práticas Parentais Alimentares e sua Relação com o Consumo de Alimentos na Infância**. 2015. 158 f. Dissertação (Mestrado em Nutrição Humana)- Programa de Pós-Graduação em Nutrição Humana, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2015.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor & força: rotinas na Educação Infantil**. 2000. 283 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2000. Disponível em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253489/1/Barbosa_MariaCarmemSilveira_D.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2017.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARBOSA, N.V.S. *et al.* Alimentação na escola e autonomia-desafios e possibilidades. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.18, n.4, p.937-945, abr. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero, Augusto Pinheiro. 1 ed. – 2 reimpr. rev. ampl. São Paulo: Edições 70, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneo**. Tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Ed., 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**; Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. FREIRE, Ana Maria. Paulo Freire, **O menino que lia o Mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras**. UNESP, 2005

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Caderno 6. **Programa nacional de fortalecimento dos conselhos escolares: conselho escolar como espaço de formação humana: círculo de cultura e qualidade da educação**. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Saúde 2015**. Mais de 30% das crianças consomem refrigerante antes dos dois anos. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/19289mais-de-30-das-criancas-consoem-refrigerante-antes-dos-2-anos>>. Acesso em: 13 out. 2015.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. – Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012.

BRASIL. **Portaria interministerial nº 1.010, de 8 de maio de 2006**. Institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional. Disponível em: https://www.fn-de.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=getAtoPublico&sgl_tipo=PIM&num_ato=00001010&seq_ato=000&v%E2%80%A6. Acesso em 02 de março de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais de Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.

Caderno legislativo acesso: http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/CADERNO_LEG_2018_CRIANCA-E-CONSUMO.pdf

CASTRO, Josué. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. Resolução n. 465, 25 de agosto de 2010. **Diário oficial da União**, DF. Seção I, p. 118 e 119. Disponível em: www.cfn.org.br/wp-content/.../Resol-CFN-465-atribuicao-nutricionista-PAE.pdf. Acesso em 10 de março de 2018.

COSTA, Marisa Vorraber. BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Orgs). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DELGADO, Ana Cristina Coll. MULLER, Fernanda. Sociologia da Infância: Pesquisa com crianças. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol.26, n91. p. 351-360, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em : 02 de março de 2018.

DERMEVAL, Saviani. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11.ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FREGONEZI, Durvali Emílio. **Elementos de ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAINO, Roberta Alessandra. **A concepção da criança em idade escolar sobre a alimentação e nutrição**. 2012. 176 f. Dissertação (mestrado em Saúde Coletiva)- programa de Pós-Graduação em saúde Coletiva, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012.

GUARDA, Gelvane Nicole. et al. A roda de conversa como metodologia educativa: o diálogo e o brincar oportunizando o protagonismo infantil na sala de aula. In: Congresso de Educação, 9, 2017. Santa Catarina. **Anais eletrônicos**. Santa Catarina: p.12887- 12899. Disponível em:http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26991_13947.pdf. Acesso em: 03 de março de 2018.

http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_promocao_da_saude.php?conteudo=educacao. Acesso em 13 de março de 2018.

MAFRA, Aline Helena. **Metodologias de pesquisa com crianças: desafios e perspectivas**. Zero as seis. Revista Eletrônica editada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação na Pequena Infância. Florianópolis. v. 17, n. 31 p. 107-119. jan-jun 2015.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

MUSSIO, Bruna Roniza. SILVA, Roberto Rafael Dias. A educação nutricional no contexto escolar: uma leitura histórico-crítica. In: TEO, Carla Rosane Paz

Arruda. TRICHES, Rozane Marcia (Org.) **Alimentação escolar**: construindo interfaces entre saúde, educação e desenvolvimento. Chapecó, SC: Argos, 2016. p. 263-280.

O CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – CONANDA. Resolução n.163, de 13 de março de 2014. **Diário oficial da União**, DF, Nº 65, 4 de abril de 2014. Seção 1. P. 4. Disponível em: <http://www.normaslegais.com.br/legislacao/Resolucao-conanda-164-2014.htm> Acesso em 02 de março de 2018.

Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

PROJETO DE LEI 5608 DE 2013. **Regulamenta a publicidade infantil de alimentos**. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1090661&filename=PL+5608/2013. Acesso em 10 de março de 2018

RENNER, Estela. NISTI, Marcos. **CRIANÇA, A ALMA DO NEGÓCIO** [Documentário]. Maria Farinha Produções, documentário, 50 min, 2008.

RHODEN, Sandra. FUNDARTE. **A pesquisa com crianças: a criança como sujeito de pesquisa**. Fundarte. 2012. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/viewFile/112/205>

SILVA. Edleuza Oliveira. **Alimentação escolar e constituição de identidades dos escolares**: da merenda para pobres ao direito à alimentação. Cad. Saúde Pública 2018; Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n4/1678-4464-csp-34-04-e00142617.pdf>. Acesso em 14 de janeiro de 2019

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schiling. Porto alegre, ArtMed, 1998.

SPANIOL, Ana Maria. **Influência da publicidade de alimentos sobre a escolha alimentar de crianças e adolescentes de escolas públicas do Distrito Federal**. 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado em Nutrição Humana)- Programa de Pós-Graduação em Nutrição Humana, Universidade de Brasília (UNB), 2014.

STRECK, Danilo Romeu et al. **Conhecer e transformar**: pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

SULZBACK, Liliana, SCHIMIEDT, Mônica. A INVENÇÃO DA INFÂNCIA. [Documentário]. Porto Alegre: M. SCHIMIEDT Produções, documentário, 26 min. 16mm, 2000.

APÊNDICE A- ROTEIRO PARA RODAS DE CONVERSAS COM OS ALUNOS

Questões motivadoras para os diálogos:

- ✚ O que vocês pensam sobre a alimentação? Como vocês veem ela na sua vida?
- ✚ O que ela significa para vocês?
- ✚ Desse grupo de alimentos (mostrar as frutas) o que vocês acham?
- ✚ Vocês gostam de frutas? / Tem em suas casas? / Quais preferem? Por quê?
- ✚ Desse grupo de alimentos (mostrar legumes e verduras) o que acham?
- ✚ Vocês gostam de legumes e verduras? Tem em suas casas? Quais preferem? Por quê?
- ✚ Desse grupo de alimentos (mostrar carboidratos e proteínas) o que acham?
- ✚ Vocês gostam de arroz, batatas, pães, carnes etc? Tem em suas casas? Quais preferem? Por quê?
- ✚ Desse grupo (alimentos industrializados) o que acham?
- ✚ Vocês gostam de biscoitos, sanduíches, salsichas, mortadelas etc.? Tem em suas casas? Quais preferem? Por quê?

APÊNDICE B- ROTEIRO PARA AS RODAS DE CONVERSA COM AS MERENDEIRAS

Questões motivadoras para os diálogos:

- ✚ Como as crianças recebem o alimento?
- ✚ Elas demonstram gostar da comida da escola?
- ✚ Há reclamação ou elogios por parte das crianças sobre a comida ofertada na escola?

ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Meu nome é Janaína Cunha B. Dallo, sou estudante do Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e estou realizando uma pesquisa para minha dissertação, com o título “A ALIMENTAÇÃO SEGUNDO A LEITURA DAS CRIANÇAS”, sob a orientação da Prof^o Dr^o Danilo Streck.

O objetivo do estudo analisar como as crianças de 7 a 11 anos “leem” o mundo no que diz respeito a suas escolhas alimentares. Como justificativa para a realização desta pesquisa, apontamos a importância de ouvir os estudantes para melhor entendermos os alcances e limites das propostas desenvolvidas sobre esta temática na rede escolar do município de Imperatriz-MA.

As atividades ocorrerão nos meses de agosto e setembro de 2018. Serão realizadas rodas de conversas com os alunos, merendeiras e pais das crianças.

Esclareço e que o acesso e a análise dos dados coletados serão realizados apenas pela mestrandia Janaína Cunha B. Dallo e pelo professor orientador. A utilização das respostas ocorrerá apenas para fins científicos e de estudos, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990) e na Resolução 466/12.

Informo que esta pesquisa é considerada de risco mínimo, ou seja, aquela que não acrescenta nenhuma possibilidade de dano físico, psicológico ou social, além do que é inerente à vivência cotidiana do sujeito. Para resguardar os estudantes de quaisquer danos, serão tomadas as seguintes medidas: as identidades dos participantes serão mantidas anônimas em todo o processo, não haverá nenhum tipo de constrangimento caso seu filho não queira participar, e poderá haver a desistência em qualquer etapa do projeto.

Os contatos para o esclarecimento de dúvidas podem ser realizados com a mestrandia Janaína: telefone nº (99) 9810298141, e-mail: janainacunha@hotmail.com.br.

A participação de seu/sua filho/a será autorizada por meio da sua assinatura deste documento, em duas vias. Uma ficará com você, e a outra ficará comigo. Entretanto, a confirmação da participação somente se dará por meio da assinatura de seu/sua filho/a ao final do trecho intitulado como “Termo de Assentimento”.

Nome _____ do
aluno(a) _____

Responsável:

Contato: (____) _____

Pesquisadora Janaína Cunha B. Dallo

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu _____, por meio deste termo, declaro que aceito participar do projeto de pesquisa “A ALIMENTAÇÃO SEGUNDO A LEITURA DAS CRIANÇAS”, com base nos esclarecimentos acima recebidos.

Assinatura do estudante participante

Imperatriz, ____ de _____ de 2018.

